

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	CÓDIGO DA FICHA					
	BA	1	01	09	F60	01
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Mucugê
LOCALIDADE	Mucugê (Sede)
MUNICÍPIO / UF	Mucugê/BA

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Ofício de Garimpeiro
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Catador, faiscador e mineiro.
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA

3. EXECUTANTE

NOME	Seu Vadinho	☒ MASCULINO ☐ FEMININO	71
OCUPAÇÃO	Ex-garimpeiro. Atualmente encontra-se aposentado.	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	18/06/1922
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☒ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

BA	1	01	09	F60	01
----	---	----	----	-----	----



Foto 01. Garimpo das Piçarras (F1-A2 2005).



Foto 02. Seu Vadinho no Garimpo das Piçarras (F1-A2 2009).



Foto 03. Rancho do Seu Vadinho no Garimpo das Piçarras (F1-A2 2006).



Foto 04. Interior do rancho do Seu Vadinho no Garimpo das Piçarras (F1-A2 2007).



Foto 05. Candeia de Grana (F1-A2 2011).



Foto 06. Algumas ferramentas de trabalho do Seu Vadinho. Em destaque: (01) Peneira; (02) carumbé; (03) bateia; (04) enxada; (05) Candeia de Grana; (06) Ralo (F1-A2 2012).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**BA****1****01****09****F60****01****5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

“A o trabalho rudimentar de pesquisa e extração do diamante, no leito ou nas margens dos rios e córregos, nos depósitos secundários das chapadas, e nas vertentes ou no alto das serras- dá-se o nome de garimpagem. E garimpeiro é aquele que pratica a garimpagem. Dá-se-lhe também a indicação de mineiro – trabalhador de minas, por generalização – embora essa designação tenha sido mais comum nos primeiros anos de exploração do diamante. Sobre ela vai predominar a de “garimpeiro” – trabalhador específico de garimpos” (*Garimpos da Bahia* p. 17. Ver ficha F1-A1 48). De acordo com dados obtidos com Seu Vadinho a garimpagem é realizada normalmente em “parceria” ou em grupo. Garimpa-se ao longo de todo o ano, porém a execução das etapas e o ritmo de trabalho são definidos a partir da disponibilidade de água. Como assinalado por Herberto Sales no seu livro *Garimpos da Bahia* (F1-A1 48), há várias modalidades de serviço, porém em Mucugê constatamos que a modalidade mais comum de garimpagem é aquela realizada na “serra” (na fala dos informantes verificamos que o “trabalho na serra” é uma forma de indicar não só um lugar de trabalho, mas também uma modalidade de serviço). Nesta modalidade de “serviço” o garimpeiro se atém, basicamente, na execução das seguintes fases: a obtenção do cascalho (raspar barranco), preparação do cascalho (ralar o cascalho) e identificação do diamante entre os demais detritos contidos no cascalho (lavagem ou resumo do cascalho). A etapa de “lavagem do cascalho” é a citada entre os garimpeiros, pois esta requer maior habilidade do garimpeiro. A falta de habilidade do garimpeiro neste processo poderá colocar todo o trabalho anterior a perder. Como poderá ser visto mais adiante, são vários os instrumentos de trabalho utilizados na execução do ofício, porém os mais característicos são a “bateia”, o “carumbé” e a “peneira”. O objetivo da garimpagem é a extração do diamante e este é normalmente comercializado pelo próprio garimpeiro na localidade. Quando o garimpeiro garimpava um diamante de grande valor comercial (ou vários diamantes) dizia-se que ele “bamburrou”. Para ser considerada uma pedra de valor ela tinha que valer em torno “de dois ou três contos”. Já o “infuzado” era o garimpeiro sem sorte, ou seja, aquele que ficava um longo período sem obter êxito no serviço. Os compradores de diamantes eram chamados na localidade de “pedristas” e “capangueiros”. O valor adquirido com o mineral é normalmente repartido entre os colegas de trabalho e o “fornecedor” (o mesmo que “patrão”). O “proprietário” do terreno explorado ficava com 20% do valor da pedra (este “imposto” era chamado de “o quinto”). Em geral o garimpeiro fixava-se no “garimpo” e neste ficava ao longo da semana, retornando para a cidade nos fins de semana. Na serra eles ficavam abrigados em “tocas” e “ranchos”. Além destas construções, os garimpeiros também erguiam “tanques” e “corridas”. Estas estruturas tinham a função de captar, armazenar e distribuir as águas provenientes, em geral, da chuva pelo garimpo. A água é um recurso imprescindível para a etapa de “lavagem do cascalho”. Para a manutenção do garimpeiro era necessário fazer com antecedência a compra de víveres. Estas compras eram feitas no “comércio” e eram chamadas de “despesa”. O conjunto de víveres adquiridos era conhecido como “saco”. Em geral era o “patrão” que fazia o “fornecimento” para o garimpeiro. É por conta disto que o “patrão” tem participação no diamante garimpado. Com os ingredientes do “saco” os garimpeiros (ou suas companheiras) preparavam comidas como o Feijão de Garimpeiro e Arroz de Garimpeiro. Como forma de complementar ou reforçar a alimentação era comum acaçá ao “mocó”. Para o serviço utilizava-se calção, “camisa de garimpeiro, carapuças e chapéus de couro. As roupas eram feitas de modo a não atrapalhar a execução da atividade. Apesar da ocorrência do uso deste traje, em geral o garimpeiro utilizava a roupa que estivesse a sua disposição. Na base da estrutura social, o garimpeiro sofria discriminações. Atualmente são poucas as pessoas que se dedicam ao ofício na localidade. Muitas das práticas aqui citadas há anos entraram em desuso (como o pagamento “o quinto”, a atividade de “pedrista” e “capangueiro”, a utilização da “bateia” na “lavagem do cascalho” etc.).

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

Os municípios de Mucugê, Andaraí, Lençóis e Palmeiras constituem a região conhecida como Lavras Diamantinas da Bahia. Na província da Bahia a exploração do diamante já ocorria, no entanto, devido à quantidade e qualidade dos diamantes encontrados nesta região que oficialmente passou-se a considerar esta como a área onde se deu o início da exploração do diamante. De acordo com os registros históricos foi no ano de 1944 que o primeiro diamante na região foi encontrado. Esta descoberta é creditada a José Pereira do Prado, conhecido como Cazuzinha do Prado, que no rio Mucugê encontrou os primeiros diamantes. Foi no lugar do achado que posteriormente se formou a cidade de Santa Isabel do Paraguassú, atual Mucugê. Ainda de acordo com os registros foi a partir deste local que a exploração expandiu-se, formando a região das Lavras Diamantinas.

O nome garimpeiro deriva da palavra garimpo. Garimpo é o local onde é feita a exploração do diamante. São inúmeros os lugares de garimpo em Mucugê. Ainda se valendo de Herberto Sales “Nos rios e terrenos devolutos, a garimpagem é exercida livremente. Em terrenos de propriedade particular ou arrendados, entretanto, a exploração do garimpo dependerá, obviamente, de prévia autorização do proprietário ou do arrendatário dos aludidos terrenos” (*Garimpos da Bahia* p. 17. Ver ficha F1-A1 48). Verificamos através de entrevistas e conversas informais com garimpeiros e ex-garimpeiros que a “serra” é o lugar mais procurado para garimpo. No entanto, leitos e margens dos rios e as “grunas” também são lugares de garimpagem. As “grunas” são locais subterrâneos escavados, em geral, pela ação do garimpeiro na busca pelo cascalho. Como informando pelo Seu Vadinho, quando o garimpeiro se cansa de determinado garimpo ou quando este não está dando o resultado esperado o garimpeiro abandona-o e parte em busca de outro local para trabalhar. A seguir, nomes de alguns garimpos do sítio citados por garimpeiros e ex-garimpeiro da localidade: Boa Vista; Piçarras, lugar visitado pela equipe do INRC e que fica a uma distância aproximada de 2 km da cidade; Gobira, segundo o Seu Vadinho e outros garimpeiros e ex-garimpeiros da localidade este foi um dos maiores garimpos de Mucugê (concentrava grande quantidade de pessoas); Sibéria, garimpo que ficava “dentro do rio”, Adão; Beíçudo; Porteiros; João Caetano; Chácara; Funis; Córrego Fundo; Mata Fome; Pimenteira; Contindiba ou Continguiça; Samambaia; Toco Preto; Sucuiuiu; Lapão; Lacrau; Cabeludo; Cristais; Moreira; Capa-bode; etc. Normalmente encontra-se “ranchos”, “tocas”, “tanques” e “corridas” nos locais de garimpo. Os “ranchos” e as “tocas” são abrigos utilizados pelos garimpeiros e os “tanques” e as “corridas” são estruturas utilizadas no processo de garimpagem. Estas estruturas formam o que definimos como conjunto arquitetônico do garimpo ou tecnologias do garimpo (plantas, mapas e croquis referentes ao “rancho” e o conjunto arquitetônico do garimpo ver ficha de identificação F30-8).

Segundo Seu Vadinho as terras de Mucugê “pertenciam” a família Medrado. Como citado nas referências bibliográficas, estas terras faziam parte da sesmaria de Antônio Guedes de Brito, conde fundador do Morgado da Casa da Ponte. Posteriormente parte das terras que atualmente corresponde ao município de Mucugê passou ao domínio da família Medrado. Verifica-se que desde a formação da cidade de Mucugê até os dias atuais esta família vem se mantendo de forma praticamente ininterrupta à frente do poder político local. Em 17 de setembro de 1985 pelo Decreto Federal n.º 91.655, quando se deu a criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina (PARNA) e posteriormente com a criação do Parque Municipal de Mucugê em 15 de março de 1999, pelo Decreto Municipal no 235. Mais de 52% da área do PARNA fica no município de Mucugê. Cerca de 30 % do território do município situa-se dentro dos limites dessa Unidade de Conservação.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

BA

1

01

09

F60

01

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Com será registrado no Box anterior, são vários os lugares e tipos de garimpo (garimpo de gruna, garimpo nos leitos e margens dos rios, garimpo na serra etc.). Como não é possível levantar e descrever todos os locais de garimpo do sítio, para o preenchimento deste box tomamos como referência o Garimpo das Piçarras, pois este contém grande parte do elementos citados pelo informante-chave ao que se referentes as estruturas do garimpo. Destacamos também que o Garimpo das Piçarras foi um dos últimos lugares em que o informante trabalhou e neste a equipe do INRC realizou uma visita em abril de 2009. Na oportunidade foram feitos registros fotográficos pela fotógrafa da equipe e também foi feito o levantamento arquitetônico ali edificado pelo arquiteto da equipe. O garimpo das Piçarras está situado no alto da Serra do Sincorá e, de acordo com o informante, fica há uma distância aproximada de 2km do perímetro urbano do município. Quando garimpava o Seu Vadinho realizava a pé o trajeto da cidade até este garimpo. Na oportunidade da nossa visita seguimos de carro com o informante pela BA-142 sentido Andaraí e após alguns minutos pegamos um estreito caminho à esquerda da rodovia e seguimos mais alguns metros de carro em direção ao alto da serra (para a realização do trajeto seguimos as orientações do informante, porém constatamos que este último trecho do caminho não era apropriado para a passagem de veículos automotivos). O trecho final do percurso até o alto da serra foi realizado a pé. Na entrevista com o informante não foi possível definir a área precisa correspondente a este garimpo. Ao longo do caminho identificamos uma construção de garimpeiro edificada em uma lapa. Segundo o informante esta construção é de um morador local conhecido como Beбето. Esta construção ainda encontra-se em funcionamento. No retorno a cidade a equipe entrou em contato com Beбето. Ao chegarmos ao local de garimpo outrora utilizado pelo informante encontramos um “rancho”, um “tanque” e “corridas”. (detalhes sobre o conjunto arquitetônico referentes à atividade de garimpagem ver a *ficha de identificação* localidade 1 F30 8). Fotografias referentes ao garimpo e as construções arquitetônicas aqui citadas ver Box 4).

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

Normalmente os garimpeiros aproveitam os “tanques” e as “corridas” deixados há anos por outros garimpeiros. No garimpo os abrigos (“ranchos” e “tocas”) também são erguidos ou reaproveitados pelos garimpeiros (ver Box 6.1 e 6.2). Enfatizamos que a pesquisa centrou-se no garimpo “serra”.

7. Tempo**7.1. PERIODICIDADE**

A garimpagem estende-se ao longo do ano.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**BA 1 01 09 F60 01****7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990**

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

8. BIOGRAFIA

O Seu Vadinho é ex-garimpeiro. Ele começou a trabalhar como garimpeiro ainda quando era criança e ele se manteve na atividade até a idade aproximada de 80 anos (em junho de 2009 o ele completou 87 anos). Quando garimpava o Seu Vadinho participava de todas as etapas que envolviam o ofício (preparação, execução e comercialização dos minerais).

O Seu Vadinho é filho e neto de garimpeiros. O seu pai, o Sr. Domingos José Ribeiro, originário da localidade conhecida como Tranqueiras, era "profissional" do garimpo. O garimpeiro "profissional", segundo o informante, era aquele que tinha a garimpagem como principal ocupação (principal fonte de renda). A mãe do Seu Vadinho, a Sr. Ana de Oliveira, também saía para o garimpo (local de garimpagem), mas, segundo ele, ela não era uma garimpeira "profissional", já que no seu caso a atividade se constituía como uma espécie de divertimento (lazer) e não uma obrigação. Ele se recorda que nos momentos de folga dos afazeres domésticos a sua mãe gostava de sair com outras mulheres para garimpar. Ela sempre pegava pequenos diamantes e estes contribuíam para reforçar a renda familiar (apesar do Seu Vadinho não considerar sua mãe como uma garimpeira "profissional", é recorrente outros ex-garimpeiros e moradores locais citarem a mãe do Seu Vadinho como um exemplo de mulher na atividade. Ela é apontada como uma mulher que tinha bastante experiência no ofício). Foi vendo e auxiliando os seus pais e outros garimpeiros no desempenho da atividade que o Seu Vadinho foi adquirindo conhecimentos e experiência na atividade. Quando ingressou no ofício Seu Vadinho tinha a idade aproximada entre 15 e 17 anos (em outros momentos das conversas ele diz que começou a garimpar ainda criança). O informante diz que se tornou garimpeiro não por opção "mas por circunstância da vida" (não teve outra opção, ou seja, esta era a única "profissão" disponível). Em 1932 (ano em que ele estava com 10 anos de idade) Mucugê entrou em "decadência" (crise econômica) e em decorrência deste fato o pai do Seu Vadinho deixou a família e a cidade e partiu para o município de Iramaia em busca de trabalho (lugar em que naquele momento a construção da estrada de ferro encontrava-se em curso). A ausência do pai contribuiu para que ele ingressasse definitivamente no ofício, pois era preciso manter a renda e o sustento familiar (o Sr. Domingos faleceu anos depois em um "acidente de garimpo" no estado de Mato Grosso). Além da experiência com os pais Seu Vadinho também se recorda de ter sido levado ainda criança para o garimpo por um garimpeiro conhecido como Nestor. Sabendo da sua "necessidade" (decorrente, em especial, da partida do seu pai de casa), conta o informante, o Sr. Nestor tomou a iniciativa de iniciá-lo no ofício. Na serra, além de ensiná-lo a garimpar o Sr. Nestor também o fornecia alimento. Apesar da experiência com os pais no ofício, conclui-se, através da fala do Seu Vadinho, que, de maneira geral, o Sr. Nestor foi o grande responsável pelo seu aprendizado no ofício. Com relação ao seu ingresso na atividade o Seu Vadinho diz, também, que ele não teve a oportunidade de estudar e assim tornar-se um comerciante ou uma "pessoa diferente". Orgulhoso da "profissão" que "abraçou", ele diz que esta foi "a melhor profissão da sua vida". Ele já viajou e morou em outras cidades, mas, segundo ele, a sua "profissão" sempre foi o ofício de garimpeiro. De forma taxativa ele diz que não teve outro ofício na vida. O Seu Vadinho se "profissionalizou" no ofício e foi através deste que ele tirou o sustento da família.

Já ensinou o ofício a amigos. Quando garimpava o Seu Vadinho trabalhava em regime de "parceira" (segundo o informante parceria é o mesmo que "sociedade" e significa a realização do ofício em dupla) ou "em grupo" (trabalho realizado por mais de duas pessoas. Ele diz que um grupo chegava a reunir um número superior a 10 garimpeiros). Normalmente o informante trabalhava em regime de parceria. Ele diz que todo o diamante encontrado pela dupla ou pelo grupo era dividido entre todos os envolvidos na atividade (na verdade, o dinheiro adquirido com a venda do mineral que era dividido). Em geral, na garimpagem o Seu Vadinho assumia a função de "frente". O "frente" era a pessoa que, devido à idade avançada e a larga experiência no ofício, era recorrentemente consultado pelo parceiro ou os demais membros do grupo sobre a melhor forma de executar o trabalho. Como uma espécie de liderança, o "frente" era respeitado pelos demais. O Seu Vadinho diz que eram os próprios colegas que o reconheciam como "frente" e era ele quem "tomava conta da turma". Como se pode verificar na fala do Seu Vadinho, o "frente" era uma espécie de mestre no ofício.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**BA****1****01****09****F60****01****9. ATIVIDADE****9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

Seu Vadinho se lembra do tempo em que a única “profissão” disponível na localidade era o ofício de garimpeiro. Quem não tivesse estudo ou condições de montar seu próprio comércio não tinha outra opção a não ser ingressar no garimpo. Ele diz também que quem exercia esta atividade era bastante “discriminado”. Para o Seu Vadinho a cidade de Mucugê se formou e se desenvolveu em virtude “do garimpo”. Ele diz que não sabe contar sobre a história do surgimento do lugar (ele faz questão em registrar que sua fala é baseada no que ele viu e o que vivenciou), no entanto, reproduzindo a versão que é difundida através da oralidade entre os moradores da localidade e que se encontra também registrada nos livros referentes à história local, ele diz que o início do garimpo em Mucugê é creditado a Cazuzinha do Prado. Foi ele, continua o informante, que quando se encontrava de passagem pelo local encontrou os primeiros diamantes. Foi em decorrência da disseminação da notícia da descoberta que muitos garimpeiros se dirigiram para o local do achado, originando, assim, a cidade de Mucugê. O Seu Vadinho não sabe informar sobre a origem do ofício, no entanto, de acordo com sua fala, esta atividade precede à formação da localidade.

A seguir um breve histórico sobre a descoberta do diamante em Mucugê e início da garimpagem na localidade.

De acordo com Lucas Brasil (F1-A1 71), “desde 1822, Spix e Martius haviam descoberto diamantes na serra do Sincorá, fato que levaram ao conhecimento do proprietário da gleba. No entanto, o fator decisivo do povoamento do território municipal ocorreu com o deslocamento de garimpeiros da ‘Chapada’ (no município de Brotas de Macaúbas) em procura de cascalho mais rico em diamantes. É importante referir que o ciclo da mineração baiana tomou grande impulso com o deslocamento de garimpeiros do Tejuco e do Serro, na província de Minas Gerais, para a Chapada”.

Há várias versões sobre a descoberta de diamantes no Rio Mucugê, porém todas têm um elemento em comum, um homem chamado José Pereira do Prado, ou como era conhecido, Cazuza do Prado. Ainda segundo Brasil (F1-A1 71), “influente pedrista da Chapada, José Pereira do Prado, vulgo ‘Cazuza do Prado’, enviou para São Félix, por empregado de confiança, uma partida de diamantes que se destinava à capital da Província. O portador, ao regressar, é aconselhado por um vaqueiro, no lugar João Amaro, a voltar pela serra do Sincorá, por ser o caminho mais curto para a Chapada. Acolhendo o conselho, seguiu o portador a nova rota e encontrou no Rio Mucugê diamantes em maior quantidade do que os da Chapada. Tendo conhecimento do importante achado, José Pereira do Prado organizou imediatamente uma caravana e se deslocou para o Rio Mucugê, aonde chegou em setembro de 1844. A abundância de carbonados fez com que ali se reunissem rapidamente mais de 12.000 pessoas. Nasceu assim, em 1844, a povoação de Mucugê do Paraguaçu”.

Uma das principais referências sobre o origem da garimpagem de diamantes em Mucugê é o livro Memória Histórica e Descritiva do Município de São João do Paraguaçu de Gonçalves de Athayde Pereira (F1-A1 41). Segundo este autor “a descoberta do Paraguaçu Diamantino foi obra do acaso. Pois José do Prado, conhecendo já os processos de mineração empregados na Chapada-Velha, onde antes de 1842 haviam sido descobertos diamantes, e por isso tornara-se um lugar muito freqüentado, especialmente por habitantes de Minas-Geraes. Todos os conhecedores dos processos ali admitidos tiveram quase a certeza de sua descoberta pelos indícios que encontrou, os quais eram idênticos aos de Chapada-Velha, onde a mineração já era uma realidade. Viajando ele para as matas de Andaraí, afim de effectuar compras de farinha ou estabelecer qualquer contato com os roceiros, que a esse tempo já ali residiam: deparou o córrego que corre em Santa Isabel e vem desembocar no Rio Combucas, reconhecendo mais ou menos o mesmo cascalho que estava acostumado a ver em Chapada-Velha. Com a experiência que já possuía, fez algumas tentativas, a princípio infructíferas; mas com alguma perseverança e com as informações que colheu no local onde deu começo a experiência, tentou novamente, unido a alguns auxiliares que fez vir, e então aconteceu que seu afilhado Christiano do Nascimento encontrou na primeira lavagem que fez dois diamantes de água fina, pesando mais de um quilate. (...) Com essa experiência obtida pelo Sr. Prado, conhecido por Cazuzinha do Prado, voltou ele de novo ao Cascavel, e no dia 26 de julho de 1844 tornou a sua descoberta com os seguintes companheiros: Pedro Antonio da Cruz, Pedro Nery do Prado, Joaquim Manuel do Prado, Claudino de Novaes, Francisco José de Novaes, Cyrino Pereira do Prado, Octavio de tal, Antonio Azulejo, Manuel Trombeta, Estevam de tal, Jacintho de tal, Joaquim Gomes e Chistiano Pereira do Nascimento, ao todo 14 pessoas, trazendo ellas a carne de uma novilha gorda para provisão por algum tempo; e todos elles reunidos começaram os trabalhos no mesmo canal onde haviam encontrado os dois diamantes”. De acordo com Pereira, foi um destes aventureiros que, tentando vender parte das pedras na Chapada-Velha foi confundido com um assassino de campangueiro, e para não ser preso revelou onde encontrou os diamantes. Segundo Angelim (F1-A1 61) “a notícia da abundância diamantífera trouxe uma enorme onda de garimpeiros que acampavam as margens do Rio Mucugê com suas tendas de pano branco, parecendo lençóis estendidos ao sol. Entre 1844 e 1848, cerca de 30.000 pessoas migraram para Mucugê. As locas da região eram ocupadas para moradia dos garimpeiros, pedras eram usadas para algumas habitações. As lavras multiplicaram-se, não ficando rio nem córrego que não fosse escavado. (...) Dos aglomerados de garimpeiros, surgiram às quatro vilas que compuseram as chamadas ‘Lavras’: 1847 – Santa Isabel do Paraguaçu (Mucugê); 1856 – Comercial Vila dos Lençóis; 1844 – Andaraí; 1890 – Vila Bela das Palmeiras”. A constituição da Vila foi um instrumento político-administrativo adotado pelo governo para controlar e fiscalizar a extração e o comércio do diamante. Com a notícia da descoberta, a abundância e qualidade do minério, uma grande e repentina massa populacional proveniente das mais variadas regiões da província da Bahia e de Minas Gerais, bem como de outros países, se estabeleceu na região.

Mudanças e transformações:

Há aproximadamente 30 anos que se deu a substituição da “bateia” pela “peneira” no processo de “lavagem do cascalho”. De acordo com Seu Vadinho a “peneira” é mais prática e mais segura que a “bateia”;

Há anos que o azeite utilizado como combustível da “candeia de grana” foi substituído pelo “óleo comustível”. De acordo com Seu Vadinho isto se deu em decorrência da falta de produção do azeite;

Segundo Seu Vadinho a “palha” era o recurso geralmente utilizado para a cobertura dos ranchos. No seu último rancho verificamos a substituição da palha pelo Eternit. Além de mais prático, Seu Vadinho diz que a Eternit é mais resistente contra incêndio;

Decrescimento da atividade na localidade e diminuição da exploração de diamantes. O ofício de garimpeiro foi deixando de ser ao longo dos anos a principal atividade econômica da localidade. Para Seu Vadinho ainda há muito diamante na “serra”. Um dos fatores apontados como responsável pela diminuição da atividade foi a inserção no contexto local de órgãos de preservação do meio ambiente (como o IBAMA), pois, alegando a necessidade de preservação do meio ambiente, estes dificultam ou mesmo impedem a execução da atividade;

Extinção do “o quinto” e da figura do “proprietário” de terras.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**BA****1****01****09****F60****01****9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES**

O Seu Vadinho diz que famílias inteiras moravam no garimpo, pois, segundo ele, na cidade não havia habitação suficiente para comportar todos. Nessa época, continua o informante, as pessoas costumavam dizer que na “serra” moravam mais pessoas que na cidade. Sobre a densidade de pessoas atraídas pelo garimpo ele completa dizendo que a “serra” já chegou a abrigar mais de três mil garimpeiros. Também havia garimpeiros que mantinham uma casa na cidade enquanto trabalhavam na “serra”, nestes casos era comum a família do garimpeiro manter-se alojada na cidade. Os “ranchos” e as “tocas” eram os abrigos utilizados pelos garimpeiros na serra. Outro caso recorrente era de garimpeiros que seguiam para a “serra” e nesta se instalavam com toda a família. Nestes casos, quando havia necessidade de fazer abastecimento de víveres ou de outras necessidades era, em geral, o próprio garimpeiro que se dirigia à cidade para a aquisição dos produtos necessários à manutenção da família no garimpo. Além de homens, também ocorria de crianças e mulheres participarem da execução do ofício de garimpeiro. De acordo com o Seu Vadinho, de forma geral as mulheres seguiam para o garimpo acompanhando os maridos. No serviço de garimpagem elas normalmente desempenhavam o papel de auxiliares dos esposos. Nas “tocas” e nos “ranchos” elas se ocupavam de atividades domésticas como, por exemplo, cuidar dos filhos e preparar as refeições. Além de mulheres que acompanhavam os maridos no garimpo e os auxiliavam no ofício havia, também, aquelas que desenvolviam as mesmas atividades realizadas pelos homens. O Seu Vadinho se recorda de uma garimpeira que “era igual um homem... [Ela] lá pro garimpo sozinha, derrubava serviço...”. Nesta fala “derrubar serviço” se refere à realização de atividades tidas como pesadas, ou seja, serviço próprio para homens.

No tempo livre (de não garimpagem) a “distração” dos garimpeiros no garimpo era caçar “mocó”, “tocar violão”, “bater-papo” e “dar risada”. Com exceção da caça ao “mocó”, os demais divertimentos ocorriam, em geral, à noite (turno em que normalmente não se garimpava). Nos momentos de “bate-papo” costumava-se contar “causos” e histórias. Nessas oportunidades os garimpeiros faziam planos para o retorno ao “comércio” (sede da cidade). Entre os planos o mais recorrente era encontrar a mulher desejada. No “comércio” havia garimpeiros que participavam do “samba de viola” (Zé Cruz, morador que tem mais de 80 anos de idade, era, segundo o Seu. Vadinho, o líder do “grupo de viola”. No entanto, o Sr. Zé Cruz tinha sido apontado por outros moradores como o líder de um antigo grupo de Reis que havia em Mucugê. Este grupo era formado exclusivamente por homens. A equipe do INRC foi à procura do Sr. Zé Cruz e ele confirmou a sua participação no Reis, no entanto ele se recusou a fornecer maiores informações sobre o grupo). De acordo com o Seu Vadinho, o “samba de viola” era composto, dentre outros elementos, por “repentista”, “chula” e “coco”. No “comércio” também havia “bailes familiares” e estes eram realizados nas residências. O Seu Vadinho se recorda do tempo em que todos os eventos da cidade eram promovidos pelos garimpeiros com o dinheiro oriundo da garimpagem. Outros lugares e formas de divertimento dos garimpeiros na cidade eram: os cabarés, as festas de rua (em especial o São João), participação nas “serenatas”, participação nas “bandas” (filarmônica) e participação nos jogos de futebol (nestes dois últimos casos, em especial, o Seu Vadinho diz que os grupos eram formados basicamente por garimpeiros). Mesas de jogos e o consumo de bebida (entre as bebidas a mais consumida era a “pinga”) eram outras práticas de divertimento do garimpeiro no “comércio”. No entanto, ressalta o Seu Vadinho, não havia maior diversão para grande parte dos garimpeiros do que estar em companhia de uma mulher para ter seu “desejo saciado”. Ele diz que no “comércio” a mulher era o principal motivo de disputa e discórdias entre os garimpeiros e que, em geral, eram nos cabarés que os garimpeiros buscavam “saciar” o desejo de estarem com uma mulher. Ocorria com recorrência dos garimpeiros gastarem nos cabarés grande parte do dinheiro adquirido no garimpo. Seu Vadinho diz que, em geral, quem costumava frequentar os cabarés eram pessoas que tinham dinheiro para comprar bebida. Ele também se recorda que ocorria de ser cobrada uma “taxa” para adentrar no estabelecimento. Através do seu relato verifica-se que os cabarés se constituíam, sem dúvida, como um dos principais lugares de diversão do garimpeiro na cidade. Ainda com relação aos cabarés o informante conclui dizendo que há mais de quarenta anos que estes deixaram de fazer parte (fisicamente) do contexto local.

Outros locais que os garimpeiros costumavam frequentar eram a feira-livre e as “vendas”. O Seu Vadinho se lembra do tempo em que o comércio local era abastecido por tropeiros que vinham “de longe” pela “estrada antiga”. Muitas mercadorias, segundo ele, eram oriundas de “Minas” (referência ao estado da federação). De Lagoa Real, localidade que segundo o informante ficava a uma distância aproximada de quarenta léguas de Mucugê, vinha o azeite de mamona. Nesse tempo, continua o Seu Vadinho, havia muitas “vendas” no “comércio” e estas eram “sortidas” de mercadorias e “era o garimpo quem mantinha [dinamizava] o comércio local”. O garimpeiro tinha uma importante participação na dinâmica comercial de Mucugê. Seu Vadinho diz que os garimpeiros gastavam muito dinheiro com roupa e, continua o informante, na cidade eram os garimpeiros que vestiam as melhores roupas. É nesse sentido ele diz “o garimpeiro sabia luxar”. Em geral os garimpeiros tinham preferência pela roupa branca e “o terno branco era [a roupa preferida] do garimpeiro”. Ele se recorda do tempo em que na sede de Mucugê havia aproximadamente 10 alfaiatarias, sendo “todas sob medida”, e a oferta de tecido era grande e diversificada. Alguns dos tecidos comercializados no “comércio” eram: “linho”, “cadimira”, “paumibique”, “toussou” e “agajota” (este último era, segundo o informante, tecido importado). Ao longo do tempo outros tecidos como “albele”, “malva”, “caroá” e o “cizal” foram sendo introduzidos na localidade. Seu Vadinho diz que o “caroá” era feito com uma planta da região e, segundo ele, essa planta também era utilizada para produzir corda. De forma geral o Seu Vadinho conclui dizendo que o comércio de Mucugê era muito bom. Ele se recorda que foi com a introdução do primeiro veículo motorizado na cidade, que segundo ele se deu no ano de 1929, que as mercadorias passaram a ser, aos poucos, introduzidas na localidade por meio de carros e não mais no lombo dos animais.

O informante também se lembra do tempo em que nos períodos de escassez prolongada de chuva as pessoas da localidade tinham o costume de fazer preces pedindo intercessão divina para fazer chover. Levando recipientes com água nas mãos ou na cabeça, elas seguiam rezando até o cruzeiro (aqui o informante está se referindo especificamente ao Cruzeiroão), e no local as águas eram despejadas. O Seu Vadinho diz que para o garimpeiro pior que a falta de chuva “era o azar”, pois nesse caso “não tinha tempo bom nem ruim” (o garimpeiro com “azar” era chamado de “infuzado”).

O Seu Vadinho é apontado com recorrência na localidade como referência em relação ao ofício de garimpeiro. Ele foi apontado por alguns moradores como “o homem da verdade”, pois, segundo estes há muitas pessoas na localidade que “inventam”, “aumentam” e contam “mentiras” sobre o lugar. O Seu Vadinho se mostrou um bom informante, pois, além de ser um profundo conhecedor do ofício ele também detém um vasto conhecimento sobre diferentes aspectos da vida local. Ele é recorrentemente procurado por estudantes, pesquisadores e turistas interessados em obter informações sobre a “vida no garimpo”. Também ocorre dele ser convidado para fazer “apresentações” do modo de garimpar (o Projeto Sempre Viva é um dos lugares onde ele já se apresentou).

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Há aproximadamente 30 anos.	Substituição da “bateia” pela “peneira” no processo de “lavagem do cascalho”.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	BA	1	01	09	F60	01
---	-----------	----------	-----------	-----------	------------	-----------

Não foi possível precisar ou estimar.	O azeite utilizado como combustível da “candeia de gruna” foi substituído pelo “óleo comustível”.
Não foi possível precisar ou estimar.	Utilização de Eternit no lugar da palha na cobertura do rancho.
Não foi possível precisar ou estimar.	Decrescimento da atividade na localidade e diminuição da exploração de diamantes. O ofício de garimpeiro foi deixando de ser ao longo dos anos a principal atividade econômica da localidade. Para Seu Vadinho ainda há muito diamante na “serra”. Um dos fatores apontados como responsável pela diminuição da atividade foi a inserção no contexto local de órgãos de preservação do meio ambiente (como o IBAMA), pois, alegando a necessidade de preservação do meio ambiente, estes dificultam ou mesmo impedem a execução da atividade.
Não foi possível precisar ou estimar.	Extinção do “o quinto” e da figura do “proprietário” de terras.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS

10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS
Seu Vadinho quando garimpava participava de todas as etapas que envolviam a atividade. Como dito, ele costumava trabalhar em “parceria”, mas também ocorria do trabalho ser realizado em grupo. O processo de “lavagem do cascalho” é recorrentemente citado como a etapa mais representativa do processo de garimpagem. Em geral, uma pessoa “serve” o cascalho na “peneira” ou na “bateia” enquanto a outra executa o a “lavagem”. É nesta que é feita a identificação do diamante dentre os demais detritos contidos no cascalho. O objetivo da garimpagem é a extração e comércio do diamante. O Seu Vadinho diz que “bamburrar” era quando o garimpeiro garimpava um diamante (ou vários diamantes) de grande valor comercial. Ele lembra que para uma “pedra” ser considerada de “valor” ela tinha que valer em torno “de dois ou três contos”. Já o “infuzado” era o garimpeiro sem sorte, ou seja, aquele que ficava um longo período sem obter êxito no serviço.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	BA	1	01	09	F60	01
---	-----------	----------	-----------	-----------	------------	-----------

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**BA 1 01 09 F60 01****10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO**

Herberto Sales (p.26. F1-A1 48) divide o processo de trabalho em duas modalidades: a seco e com água. Trabalho a seco:

"1) *Tomar cálculo* (15). Diz-se da escolha do terreno a ser garimpado. A *tomada de cálculo* pode ser feita das seguintes maneiras: a) pela *configuração* do terreno, isto é, pela sua natureza virgem, pela sua situação em relação ao curso d'água que o banhe – rio ou córrego – ou, em suma, pelos seus feições diamantíferas (ou manchas), constatado à base empírica da semelhança com outros locais explorados com êxito; b) por intermédio da sondagem do cascalho, cuja presença se assinala no peculiar ruído provocado pelo atrito da alavanca ou sonda – como se estas tivessem sido introduzidas num "saco de milho".

2) *Roçar*. Ou não, dependendo da existência ou da ausência de vegetação no local.

3) *Desmontar*. Remover a terra imprestável, aprofundando a escavação à procura do cascalho.

4) *Retirar o cascalho*. O cascalho, depositado no fundo da escavação, assenta-se sobre a piçarra, que em geral é o fim dela – uma espécie de teto às avessas – e a qual devidamente raspam.

5) *Fazer o esmeril*. Ralar o cascalho, a fim de desembaraçá-lo da carga de elementos inúteis, tais como a areia e os pedregulhos. Para esse fim, o ralo é suspenso entre três forquilhaes – tóscos tripé a que dão o nome de *granjeira*.

6) *Fazer o terreiro*. Preparar o local destinado ao amontoamento do cascalho ralado ou *esmerilhado*.

O transporte da terra do *desmonte*, bem assim o do cascalho bruto, e, posteriormente, o do *esmeril*, que se encontra no terreiro, onde se levanta o *paiol* – é feito por meio do emprego de *carumbés*. Em geral – pois também o carregam no ombro – o *carumbé* é transportado na cabeça, que o garimpeiro protege com uma rodilha. Frequentemente, porém, a rodilha é substituída por uma camada de folhas (quase sempre de malva) colocada no paiol para a *lavadeira* – pequena represa onde se lava o cascalho".

Trabalho com água (p.28. F1-A1 48):

"O trabalho com água, somente possível nas vizinhanças de cursos d'água naturais, ou na época das chuvas, que permite a retenção das águas nos tanques, dá um rendimento sensivelmente maior à tarefa do garimpeiro.

Inicialmente, dado o *rebaixo* (ou desnivelamento do terreno), com a abertura de uma valeta de acentuado declive para o escoamento da água e iniciada ao pé do cascalho, constrói-se, no mesmo sentido do *rebaixo*, a *corrida* ou *bolinete* – espécie de corredor com paredes de pedras soltas superpostas, constituído ordinariamente de três lances em declive, semelhantes a degraus, tendo em média cinco metros cada um, e aos quais dá-se o nome de *canoas*. Entre estas, separando-as há uma espécie de batente, e em sua base uma concavidade denominada *ferveiro*.

A água, represada no tanque, é dividida em vários batidos (ou canaletes) destinados cada um deles à sua garimpagem em separado. Realizando operações simultâneas, instala-se em cada um desses *batidos* uma sociedade constituída de dois a três homens. Com o auxílio da água – que provoca, à sua passagem o desmonte da terra inútil – impele-se o cascalho, desagregando-o ou *desmanchando-o* com movimentos de alavanca, para a *boca de corrida* ou *bolinete*. O cascalho *corre*, indo encontra-se no primeiro *ferveiro*, em cujo interior o diamante tende a depositar-se, por força da gravidade. No caso de escapar, entretanto, irá ter a primeira *canoas*, ou ainda a segunda e a terceira. Em cada uma delas, trabalhando em sentido contrário à correnteza, um garimpeiro revolve apressadamente o cascalho, ou seja, *dobrando-o* a enxada (em geral se emprega enxada nova, de 4 libras), numa operação sucessivamente repetida nas *canoas* correspondentes, e destinada a depositar o cascalho no recesso dos seus respectivos *ferveiros*.

Depois de cheia a *canoas*, a correnteza é desviada, deixando-se escoar apenas um filete de água, que, não chegando a impelir o cascalho, faz correr o resto da terra desagregada. A esta operação chama-se *cortar o areão*, a qual dura até ficar o *escoado* – isto é, o *esmeril* feito na água, ao contrário do que ocorre no serviço a seco, onde o obtém por meio da ralagem na *granjeira*. Além dos *ferveiros*, e por medida de maior precaução, colocam-se pedras, às vezes mesmo salteadas, ao longo das *canoas*, destinadas a *referver* o cascalho e a servir de uma espécie de anteparo à passagem do diamante que ali vai ter. Na terminologia do garimpo isto corresponde a *chumbar corrida*. Deve-se acentuar que, quando a *corrida* é larga, muitas vezes o garimpeiro suprime os *ferveiros*, recorrendo simplesmente ao expediente da *chumbação*.

Com o cascalho chegando ao *apanhador*, o que corresponde a uma *cabeceira*, e feito o *esmeril*, é este transportado em *carumbés* para o paiol, como no serviço a seco, e dali para a *lavadeira*. Finalmente, limpa-se o resto do *apanhador* – ou fim da *canoas* – a mão, *farracho* e *frincheiro*".

Herberto Sales chama a atenção que a "tomada de cálculo" é também empregada no trabalho com água.

Processo de lavagem do cascalho (p.29. F1-A1 48):

"Todos os serviços de garimpagem, nas suas diversas modalidades, conduzem a esta importante operação. Diz-se sempre "lavagem do cascalho", embora não seja o cascalho propriamente dito a matéria a ser lavada, mas sim o *esmeril*, obtido a seco ou com auxílio da água, conforma se viu.

Inicialmente, o garimpeiro prepara a *lavadeira* (pequena represa), aprofundando-a a golpes de enxada e *amarrando-a*, isto é, erguendo um corte feito de pedras e vedado com capim e terra prêta, de modo a reter o volume de água necessário à lavagem (16).

Entra em seguida o garimpeiro na *lavadeira*, com água até os joelhos, para dar início à *lavagem*. Em primeiro lugar, tem êle que rebaixar o *esmeril*, transportado parcialmente do paiol por outro homem. Esta operação consiste em depurar o *esmeril* em dois ralos de diferentes bitolas, um mais grosso e outro mais fino, chamados *ralos-de-apuração*. (O ralo grosso é quase sempre feito de uma bacia de folha-de-flandres devidamente perfurada nos fundos). Rala-se primeiro com o ralo grosso, em cima do ralo fino, para retirar as pedras maiores (*bugalhás*). Depois, introduz-se repetidamente o ralo fino na água, movimentando-o para frente e para trás, no sentido de fazer com que a areia se escôe através dos orifícios do referido ralo, ficando então o *esmeril* quase totalmente reduzido a seixos. Nesse ponto da *apuração*, é êle passado para a bateia, sobre a qual se coloca o ralo em posição inclinada, lançando-se-lhe água para remover o resto do *esmeril* rebaixado.

Passando a trabalhar com a *bateia*, o garimpeiro imprime-lhe contínuos movimentos de centrifugação, ora mais rápidos, ora mais lentos, ou seja, *boleando*, para fazer descer ao *pião* (ápice do afunilamento da *bateia*) o diamante, cujo peso específico é maior do que o dos demais seixos. Em seguida, girando mais amplamente a *bateia*, o garimpeiro faz com que dela se escôe a água pelos rebordos. De repente, imobiliza-se para *fazer pedras*, isto é, para *puxar* os diamantes maiores (especialmente carbonados grossos) porventura existentes, espalhando a camada mais grossa do *esmeril*, sob a mão espalmada, na parte média da *bateia*, e revolvendo depois os seixos com a ponta dos dedos. Deve-se observar que, durante a lavagem, o encontro de *informações*, ou satélites do diamante, de espécie nomenclatura tão variada (17), indica sempre a certeza de êxito na garimpagem.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**BA 1 01 09 F60 01**

Depois de *fazer as primeiras pedras*, retirando os seixos revolidos com as pontas dos dedos e lançando-os dentro da lavadeira (caso se encontre algum carbonado, é este recolhido ao *picuá* e a *lavagem* prossegue, sem sofrer solução de continuidade), o garimpeiro volta a meter água na bateia, *boleando* novamente, para fazer as *segundas pedras*. A *lavagem* pode reclamar *terceiras*, *quartas* e mesmo mais *pedras*, dependendo de ser mais fino ou mais grosso o cascalho.

Enquanto movimenta a *bateia*, o garimpeiro conserva-a sempre parcialmente mergulhada na *lavadeira*. Mas, cada vez que *faz pedras*, inclina-a com o apoio da coxa, e, para impedir a queda do *esmeril*, coloca o antebraço sobre a borda da *bateia*, deixando livre, entretanto, o movimento da mão.

Finalmente, torna o garimpeiro a meter a água na bateia, *boleando* mais uma vez, para *tirar o xerém* (camada mais fina do *esmeril*). A areia é *cortada* com movimentos lentos da *bateia*, por cujos rebordos se escoam, o que exige extraordinária perícia do garimpeiro.

Próximo à *lavadeira*, prepara-se o *terreiro* – área de terra, de aproximadamente um metro quadrado, devidamente limpa e aplainada com a palma das mãos, na qual se amontoam os *cortes* (correspondentes a dez carumbês de cascalho) *rebaixados* ou depurados. Estes voltam à *bateia*, a qual, depois de novamente *boleada*, é posta fora da *lavadeira*, em posição suficientemente inclinada para escorrer a água.

Procede então o garimpeiro à *passagem de pedras*, revolvendo com as pontas dos dedos os seixos restantes, sem chegar, entretanto, a invadir o *pião da bateia*. Nesta fase são encontrados diamantes de 3 grãos para cima. A *bateia* está então colocada contra o sol, que, inclinando a sua luz sobre o diamante, fa-lo-á reluzir em meio às demais pedras, facilitando a sua identificação. Na fase anterior, quando ainda dentro da *lavadeira*, o garimpeiro, pelos mesmos motivos, coloca-se sempre de costas para o sol, expondo à luz deste a *bateia*. De qualquer forma, porém, é indispensável que o garimpeiro tenha um golpe de vista extremamente aguçado, para não confundir o diamante com os inúmeros e pequenos cristais, também reluzentes ao sol, que ele põe fora de envolta com os seixos, à medida que vai *rebaixando o esmeril*.

É comum cuspir dentro da *bateia*, enquanto trabalha com ela, mas não se pode ver nisso nenhum indício de superstição. Trata-se simplesmente de um hábito entre eles difundido, sem nenhuma significação especial.

Depois de passar a pedras, volta o garimpeiro com a bateia à *lavadeira*, para *rebaixar* a areia da *ralinha* (areia de *polmo*, isto é, resíduo do *esmeril*), fazendo espiralar sobre ela a água, em lento e amplo movimento da *bateia*. São então, *pegados* (encontrados) diamantes de insignificante tamanho, chamados *mosquitos de polmo*, e mais do que nunca o golpe vista do garimpeiro é pôsto à prova. Esta operação é que se chama rigorosamente *escrever-com-a-água*. Por fim, a areia do *polmo* é totalmente retirada, pelos lentos movimentos de descêntricação da *bateia*, e o fundo do *pião* desta aparece. Está terminada a *lavagem*, e muitas vezes todo esse esforço do garimpeiro resulta em nada, voltando ele à cidade sem ter encontrado um único diamante (18).

Abaixo segue a descrição do processo de garimpagem feita com base na entrevista realizada com o Seu Vadinho.

ETAPA	ATIVIDADE
Raspagem.	Na “raspagem” busca-se obter o cascalho. Os “esbarrancados” são os locais onde, em geral, os cascalhos são retirados. A retirada do cascalho se dá, em geral, através da utilização de explosivos (“detonação”) e de instrumentos como, por exemplo, a “marreta” e o “marrão”. Depois de “raspado” o cascalho é transportado com o auxílio do “carumbé”. e amontoado próximo às “corridas”. Após atingir uma “uma quantidade” de cascalho o garimpeiro dá início a etapa de “lavagem do cascalho” (também chamada de “resumo do cascalho”).
Desbrutar ou ralar o cascalho.	Depois de “raspado” o cascalho é “ralado”. Com o auxílio do “carumbé” o cascalho (que se encontra seco e previamente amontoado) é despejado no “ralo”, onde será “ralado”. Seu Vadinho diz que ele ficava todo dia todo e toda a semana executando esta atividade. Depois de “ralado” o cascalho é depositado no “carumbé” para ser transportado para a “peneira” (ou para a “bateia”), onde será “lavado”. Seu Vadinho diz que o “ralo” é utilizado no trabalho “a seco” (sem utilização de água) ou com água. No trabalho “a seco” o “ralo” é suspenso por um “tripé”. Busca-se preparar o cascalho para a etapa seguinte, que é a etapa de “lavagem do cascalho”.
Lavagem (ou resumo) do cascalho	O processo de “lavagem do cascalho” também é chamado pelo Seu Vadinho de “resumo”. É o que ele chama de “resumir o serviço”, o mesmo que fazer o “processo de resumo”. O cascalho previamente amontoado é gradativamente transferido com o auxílio do “carumbé” para a “peneira” ou “bateia”. O processo de transferência do cascalho para a “peneira” ou “bateia” é chamado de “servir” cascalho. Só depois de depositada uma determinada quantidade de cascalho na “peneira” (ou na “bateia”) que é dado início à lavagem propriamente dita. No momento da “lavagem” o garimpeiro posiciona-se dentro dos locais de escoamento da água. É na “peneira” ou na “bateia” que o cascalho entra em contato com a água. Em geral, utilizam-se simultaneamente quatro “peneiras” na “lavagem” com “peneira” (há pessoas que trabalham com apenas três), já no caso da “lavagem” com a “bateia” utiliza-se um único instrumento. O conjunto de quatro “peneiras” é chamado de “quadra”. No processo de “lavagem” do cascalho as “peneiras” são colocadas umas sobre as outras. A “peneira” com a tela de maior orifício fica posicionada sobre todas as demais. Esta “peneira” é chamada de “peneira mais grossa” ou “quadra”. Já a “peneira” com menores orifícios fica posicionada na base da estrutura. Ao contrário da primeira, esta irá conter as menores partículas de minerais contidas nos cascalho. Inicialmente o cascalho é gradativamente transferido para a “quadra” ou para a “bateia” com o auxílio do “carumbé”. Os detritos vão se acumulando nas “peneiras” que se encontram verticalmente alinhadas, o que não o ocorre com a “bateia”. Com as mãos na “peneira” ou na “bateia” o garimpeiro põe o cascalho em movimento, em geral os são realizados movimentos circulares. Depois de seguidos movimentos o cascalho é “emborcado” nas proximidades dos locais de passagem da água. Todo o processo de “lavagem” com “peneiras” ou com “bateia” se dá acompanhado de uma atenta análise do conteúdo pelo garimpeiro. Seu Vadinho diz que o trabalho com a “peneira” exige uma menor quantidade de água do que o trabalho realizado com a “bateia”. Ele diz, também, que no caso do uso da “bateia” o garimpeiro precisa “puxar” com a mão parte do cascalho “lavado” para assim melhor analisar o conteúdo. Na “lavagem do cascalho” com a “peneira” o diamante, quando presente entre os detritos, fica depositado no “crivo” desta. Assim, no momento em que o garimpeiro “emborça” a “peneira” na margem dos locais de passagem de água o diamante fica concentrado logo na superfície, ou seja, sobre todos os demais detritos. Deste modo não se faz necessário “puxar” o cascalho com a mão, como visto no caso da “lavagem” com “bateia”. Após a análise comparativa de ambos os instrumentos o Seu Vadinho completa dizendo que a “peneira” é “mais segura” é mais prática que a “bateia”. O conjunto de procedimentos aqui descritos é repetido até o término de todo o cascalho previamente acumulado.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**BA 1 01 09 F60 01**

Venda do produto e divisão do dinheiro.	O diamante garimpado era vendido, em geral, no comércio local para o “pedrista” ou “capangueiro”. O valor obtido com a venda da “pedra” era normalmente dividido com o “parceiro” (ou com o grupo) e com o “patrão”. Seu Vadinho diz que o “parceiro” que não “dividia o diamante” era chamado de “ladrão”, mas que, apesar de alguns casos de “trapaça”, os garimpeiros se constituíam como uma “classe muito bem unida”. Como o “patrão” era a pessoa que normalmente fazia o “fornecimento” então este tinha o direito sobre metade do valor adquirido com a “pedra”. Também havia o “proprietário” do terreno explorado que ficava com 1/5 do valor da pedra. A “taxa” paga ao “proprietário” do terreno era chamada de “o quinto” (este nome decorre do fato de o valor pago corresponder a 20%, ou seja, 1/5 do valor do diamante). Seu Vadinho diz que os garimpeiros não concordavam com o pagamento deste “imposto” já que, segundo ele, os “proprietários” em nada contribuíam para o serviço do garimpeiro (ao contrário do “patrão” que fazia o investimento do “fornecimento”). O informante diz também que os “proprietários” dos terrenos não forneciam recibos como forma de comprovar o pagamento do “o quinto” e assim o garimpeiro ficava sem nenhum comprovante de quitação. Caso o garimpeiro não pagasse “o quinto”, continua Seu Vadinho, este sofria uma série de punições, como, por exemplo, a prisão ou à expulsão das terras. Entre os garimpeiros, conclui o informante, “o quinto” era considerado uma injustiça. Como forma de controlar a extração de diamantes o Seu Vadinho diz que era comum a presença de “fiscais” na serra. Os “fiscais” tinham a função de acompanhar o trabalho do garimpeiro com o objetivo não só de inibir os roubos de diamantes (havia casos em que os garimpeiros escondiam a pedra garimpada para não dividi-la), mas também como forma de controlar o rendimento do garimpeiro no serviço.
---	--

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
O garimpeiro.	Raspar o “esbarrancado” para obtenção do cascalho.
O garimpeiro.	Ralar o cascalho.
O garimpeiro.	Separar o diamante dos demais minerais. Em geral uma pessoa fica responsável por “servir” o cascalho enquanto outra executa a lavagem. Geralmente a pessoa que “serve” é um dos “parceiros” ou a esposa do garimpeiro.

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	Despesa/ Compra de víveres. De modo geral a “despesa” era composta por: 5l de farinha, 1l litro de feijão, 1l de arroz, 1 kg de carne seca, 1 kg de tocinho, uma rapadura, 250g de café em caroço e temperos (cebola, alho, sal, cominho, etc.). Seu Vadinho diz que um mil réis era o valor reservado para a compra dos temperos. Quando “pegava” diamante, continua Seu Vadinho, o garimpeiro costumava acrescentar outros produtos à “despesa”, como, por exemplo, bolacha, requeijão, pé de porco, etc. O Feijão de Garimpeiro e o Arroz de Garimpeiro eram alguns dos alimentos preparados com os produtos da “despesa”. O informante lembra que em alguns casos ocorria do “patrão” fornecer como parte da “despesa” fumo, papel e fósforo. Seu Vadinho diz que “o garimpeiro gosta muito de comer bem” e com a “despesa” dava “para passar bem na serra”. Além de víveres, o informante diz que quando o garimpeiro não possuía a ferramenta de trabalho ocorria do “patrão” fornecê-las. O conjunto de víveres que compõe a despesa é chamando de “saco” (ver ficha F1 A3 40).
QUEM PROVÊ	A “despesa” era, em geral, fornecida pelo “patrão”. Também ocorria dos próprios garimpeiros custearem as suas “despesas”. Quando o trabalho era realizado em “parceria” a “despesa” era dividida entre os parceiros/ A compra dos produtos era normalmente feita fita nas vendas e feiras do “comércio”.
FUNÇÃO	Garantir a permanência do garimpeiro no garimpo. O Seu Vadinho, como em geral ocorria com outros garimpeiros, ficava toda a semana no garimpo e só retornava para a cidade nas sextas-feiras ou nos sábados. Em regra, a “despesa” era calculada de forma a manter o garimpeiro durante o período de uma semana no garimpo.
DESCRIÇÃO	Tocas e Ranchos/ As “tocas”, também chamadas de “locas” ou “lapas”, são lapas utilizadas como abrigos pelos garimpeiros na serra. Havia casos em que muros de pedras eram agregados às lapas. Os “ranchos” são também utilizados como abrigos de garimpeiros no garimpo, porém estes são, em geral, mais elaborados que as “tocas”. Os “ranchos” normalmente possuem muros de pedras, uma porta e no seu interior há divisórias. Na cobertura costuma-se utilizar “palhas” e estas são, em geral, extraídas de uma palmeira que é bastante comum na região e que é conhecida localmente com o nome de “coco de raposa” (na visita realizada pela equipe do INRC no “rancho” do Seu Vadinho no garimpo das Piçarras pôde-se verificar a substituição da palha pela Eternit. Para o informante, este material é mais prático e confortável que o anterior, além de ser menos vulnerável contra incêndio). O garimpeiro tanto podia ficar sozinho numa “toca” ou “rancho” como também ocorria do espaço ser dividido com outros membros da família ou com outros garimpeiros. O Seu Vadinho se lembra de “ranchos” que chegavam a abrigar quatro pessoas. Nos abrigos era comum encontrar “cama”, caldeirões, “fogão de cone” e “estantes”. De acordo com o informante as “estantes” eram confeccionadas com madeiras fincadas entre as pedras e nestas ficavam depositados alimentos, vasilhas com água, panelas e outros utensílios. Para a confecção da “cama” utilizavam-se, em geral, varas e estas eram forradas com capim e esteira. Seu Vadinho diz que cobertores eram utilizados como forma de amenizar o frio. A fogueira servia não só para o preparo dos alimentos, mas, também, para aquecer o ambiente (as pedras do abrigo ficavam aquecidas com as chamas da fogueira). Mais informações sobre o conjunto arquitetônico do garimpo ver ficha F30-8.
QUEM PROVÊ	O garimpeiro/ O informante diz que quando o garimpeiro se “cansava” de um garimpo ou quando este não estava “dando certo” (não estava satisfazendo a expectativa) ele abandonava-o e partia em busca de outro local para trabalhar. Ao deixar o garimpo o garimpeiro levava consigo todos os seus pertences. Seu Vadinho diz que normalmente os “ranchos” tinham proprietários. Quando os proprietários não estavam utilizando os ranchos estes ficavam, em geral, trancados. Ele diz, também, que nesses casos outro garimpeiro só poderia ocupá-lo mediante a prévia autorização do respectivo proprietário.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	BA	1	01	09	F60	01
---	-----------	----------	-----------	-----------	------------	-----------

FUNÇÃO	Abrigo dos garimpeiros no garimpo.
DESCRIÇÃO	Tanques e corridas/ Os “tanques” são construções erguidas no garimpo e feitas à base de pedras. Os “tanques” são feitos para o armazenamento de água, em especial das águas provenientes das chuvas. As “corridas” são canais por onde as águas armazenadas nos “tanques” escoam. Assim como os “tanques” as “corridas” são feitas à base de pedras (outros dados referentes ao conjunto arquitetônico do garimpo ver localidade 1 F30-8).
QUEM PROVÊ	São os próprios garimpeiros que constroem os “tanques” e as “corridas” (no caso de estruturas existentes são feitos reparos) / O material utilizado é retirado do próprio local de garimpo.
FUNÇÃO	Como dito, a água é um dos recursos utilizados para a plena execução do ofício. A água é utilizada, em especial, na etapa de “lavagem do cascalho”. As águas acumuladas nos “tanques” são gradativamente liberadas pelos garimpeiros ao longo do serviço.

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Peneira e Bateia/ A “peneira” é um instrumento circular confeccionado com madeira e metal. A madeira é utilizada para compor o arco e o metal é empregado na tela da “peneira”. O arco danificado pode ser reparado ou substituído. Geralmente utiliza-se a “pinha” no reparo do arco. A “bateia” é um instrumento de madeira com forma ligeiramente cônica. Descrição de Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p.21. F1-A1 48): “Bateia. Gamela afunilada, destinada à lavagem do cascalho. Para facilitar o manejo, é feita de madeira leve, preferencialmente cedro. São utilizadas em dois tamanhos: grande e pequeno. A maior tem cerca de 1 metro de diâmetro”. O autor não cita a “peneira” no seu livro. Como informado pelo Seu Vadinho, a “peneira” foi introduzida na localidade há cerca de 30 anos e o livro foi escrito na década de 1950.
QUEM PROVÊ	Em geral esta ferramenta era adquirida pelo próprio garimpeiro. Caso este não a possuísse também ocorria do “patrão” fornecê-la/ Segundo o informante, foi com a introdução da “peneira” na localidade que a “bateia” entrou em processo de desuso.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A “bateia” e a “peneira” têm basicamente a mesma função na garimpagem. Ambos os instrumentos são empregados na etapa de “lavagem do cascalho”.
DISPONIBILIDADE	A dificuldade em adquirir madeira para confeccionar a “bateia” foi outro fator apontado pelo informante como decisivo para o desuso desta na localidade (esta dificuldade decorre da atuação de órgãos de proteção ao meio ambiente na região). Em geral Seu Vadinho comprava estes instrumentos de trabalho na feira ou nas “vendas” da localidade.
DESCRIÇÃO	Carumbé ou calumbé/ instrumento de madeira com forma ligeiramente cônica. É similar a “bateia” (uma das principais diferenças é que este tem menores dimensões que aquele). Descrição de Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p. 21. F1-A1 48): “Carumbé. Ou calumbé, como é usualmente chamado entre os garimpeiros. Recipiente de madeira, empregado no transporte da terra dos desmontes e para levar o cascalho do <i>paio</i> para as bateias. Sua forma ligeiramente afunilada facilita a parcial introdução dele no <i>paio</i> (monte de cascalho extraído), necessária ao seu rápido enchimento por meio de golpes de enxada”.
QUEM PROVÊ	Em geral esta ferramenta era adquirida pelo próprio garimpeiro. Caso este não a possuísse também ocorria do “patrão” fornecê-la.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Utilizado para fazer o transporte do cascalho. Normalmente este instrumento era transportado com o auxílio das mãos, mas também ocorria de ser carregado sobre a cabeça. O Seu Vadinho diz que os garimpeiros também costumavam fazer as refeições nos “carumbés” (utilizado como uma espécie de prato).
DISPONIBILIDADE	A atuação de órgãos de proteção ao meio ambiente na região gerou uma dificuldade em adquirir madeira para a confecção e aquisição deste instrumento. O Seu Vadinho comprava o “carumbé” na feira ou nas “vendas” da localidade.
DESCRIÇÃO	Levanca ou lavanca (alavanca) / instrumento feito com uma barra de ferro. Descrição de Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p.19. F1-A1 48): “Alavanca. De aço. Grande ou pequena, ou ambas ao mesmo tempo”.
QUEM PROVÊ	Em geral esta ferramenta era adquirida pelo próprio garimpeiro. Caso este não a possuísse também ocorria do “patrão” fornecê-la
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Utilizado para “cavar a pedra” e “futucar” o cascalho. Processo de obtenção e preparação do cascalho
DISPONIBILIDADE	O Seu Vadinho comprava na feira ou nas “vendas” da localidade. Ele diz que em geral ocorria do garimpeiro encomendar a ferramenta a um “ferreiro” local. O “ferreiro” era também bastante procurado para “amolar” (afiar) o instrumento.
DESCRIÇÃO	Enxada/ cabo de madeira com um ferro fixado em uma das extremidades. Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p.20 F1-A1 48) cita dois tipos de enxada, a grande e a pequena.
QUEM PROVÊ	Em geral esta ferramenta era adquirida pelo próprio garimpeiro. Caso este não a possuísse também ocorria do “patrão” fornecê-la

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	BA	1	01	09	F60	01
---	-----------	----------	-----------	-----------	------------	-----------

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A enxada tem várias funções na garimpagem. Ela serve para tirar o “entulho” da área a ser explorada e para “desmontar” o cascalho. Também é utilizada para “puxar” (arrastar) e “mexer” (revolver ou remexer) o cascalho. O Seu Vadinho lembra que o cascalho precisava ser continuamente mexido com água, pois desta forma evitava o seu endurecimento. Ele diz também que este instrumento era empregado para “rebaixar a corrida”.
DISPONIBILIDADE	O Seu Vadinho comprava na feira ou nas “vendas” da localidade.
DESCRIÇÃO	Almocafo ou enxadeta. Instrumento que não foi citado pelo informante, mas citado por Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p.20. F1-A1 48): “Enxada de tamanho bastante reduzido pelo uso, com cabo bem comprido”.
QUEM PROVÊ	--
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	--
DISPONIBILIDADE	--
DESCRIÇÃO	Marreta/ instrumento de ferro (espécie de martelo). Descrição de Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p.19. F1-A1 48): “Marrêta. Marrão médio”.
QUEM PROVÊ	Em geral esta ferramenta era adquirida pelo próprio garimpeiro. Caso este não a possuísse também ocorria do “patrão” fornecê-la.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Quebrar pedras de menores dimensões.
DISPONIBILIDADE	O Seu Vadinho comprava na feira ou nas “vendas” da localidade.
DESCRIÇÃO	Marretão. Instrumento que não foi citado pelo informante, mas citado por Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p.19. F1-A1 48): “De aço, para retirar pedaços de cabos partidos de <i>marrão</i> e de <i>marreta</i> ”.
QUEM PROVÊ	--
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Ver descrição.
DISPONIBILIDADE	--
DESCRIÇÃO	Marrão/ similar a marreta, porém com maiores dimensões. Descrição de Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p.19. F1-A1 48): “Marrão. Marrão grande (martelo para quebrar pedras). Há garimpeiro que se tornam especialistas em trabalho de marrão – <i>marroeiro</i> . Muitas vezes trabalham em dupla, alternando entre si as batidas”.
QUEM PROVÊ	Em geral esta ferramenta era adquirida pelo próprio garimpeiro. Caso este não a possuísse também ocorria do “patrão” fornecê-la.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Quebrar pedras de maiores dimensões e com maior resistência.
DISPONIBILIDADE	O Seu Vadinho comprava na feira ou nas “vendas” da localidade.
DESCRIÇÃO	Bucha. Instrumento que não foi citado pelo informante, mas citado por Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p.20. F1-A1 48): “De aço, para retirar pedaços de cabos partidos de <i>marrão</i> e de <i>marrêta</i> ”.
QUEM PROVÊ	--
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	--
DISPONIBILIDADE	--
DESCRIÇÃO	Sonda. Instrumento que não foi citado pelo informante, mas citado por Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p.20. F1-A1 48): “De aço, geralmente com 15 a 20 palmos de comprimento. Com ela se pesquisa a presença de cascalho a profundidades não atingidas pela alavanca comum”.
QUEM PROVÊ	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	BA	1	01	09	F60	01
---	-----------	----------	-----------	-----------	------------	-----------

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Ver descrição.
DISPONIBILIDADE	--
DESCRIÇÃO	Cunha/ instrumento agudo feito com ferro. Descrição de Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p.19. F1-A1 48): "De marrão ou de marreta, ou as duas. Para cortar pedras, <i>emburrado</i> (grandes pedrouços) ou piçarra (de modo geral: rocha que ainda semiagregada)".
QUEM PROVÊ	Em geral esta ferramenta era adquirida pelo próprio garimpeiro. Caso este não a possuísse também ocorria do "patrão" fornecê-la
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Utilizada para quebrar pedras. Coloca-se o instrumento sobre a pedra e em seguida são efetuados golpes de marreta sobre este.
DISPONIBILIDADE	O Seu Vadinho comprava na feira ou nas "vendas" da localidade.
DESCRIÇÃO	Broca/ ferramenta de ferro. Descrição de Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p.19. F1-A1 48): "Para perfurar a pedra a ser dinamitada. Batida com <i>marretão</i> , no caso de o <i>broqueador</i> trabalhar sozinho, ou com marreta, quando ele é auxiliado por outro, limitando-se, assim, a controlar a broca sob as percussões da marreta do companheiro. A broca em geral tem dois palmos de comprimento".
QUEM PROVÊ	Em geral esta ferramenta era adquirida pelo próprio garimpeiro. Caso este não a possuísse também ocorria do "patrão" fornecê-la
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Instrumento utilizado para detonação de pedras. Com o auxílio da broca é feito um orifício na pedra e nesta inseri-se o explosivo.
DISPONIBILIDADE	O Seu Vadinho comprava na feira ou nas "vendas" da localidade.
DESCRIÇÃO	Socador de broca. Instrumento que não foi citado pelo informante, mas citado por Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p.19. F1-A1 48): "De ferro, para o fim destinado".
QUEM PROVÊ	Em geral adquirido pelo próprio garimpeiro. Caso este não a possuísse também ocorria do "patrão" fornecê-la
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Utilizado para detonação de pedras. O explosivo é inserido no orifício aberto previamente na pedra com o auxílio da broca.
DISPONIBILIDADE	O Seu Vadinho comprava na feira ou nas "vendas" da localidade.
DESCRIÇÃO	Explosivo.
QUEM PROVÊ	Em geral adquirido pelo próprio garimpeiro. Caso este não a possuísse também ocorria do "patrão" fornecê-la
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Utilizado para detonação de pedras. O explosivo é inserido no orifício aberto previamente na pedra com o auxílio da broca.
DISPONIBILIDADE	O Seu Vadinho comprava na feira ou nas "vendas" da localidade.
DESCRIÇÃO	Frincheiro/ ferro curvado fixado a um cabo de madeira. Descrição de Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p.20. F1-A1 20): "Frincheiro. Espécie de gancho de ferro, lembrando mais um "L", com cabo de madeira. É utilizado para retirar cascalho dos interstícios das rochas ou <i>emburrados</i> ".
DESCRIÇÃO	Frinchas. Instrumento que não foi citado pelo informante, mas citado por Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p. 20. F1-A1 48): "grande e pequena. Estilete (algumas vezes feitos com varetas de guarda-chuvas) para retirar cascalho das fendas estreitas, igualmente chamadas de <i>frinchas</i> ".
QUEM PROVÊ	--
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Ver descrição.
DISPONIBILIDADE	--
QUEM PROVÊ	Em geral esta ferramenta era adquirida pelo próprio garimpeiro. Caso este não a possuísse também ocorria do "patrão" fornecê-la

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	BA	1	01	09	F60	01
---	-----------	----------	-----------	-----------	------------	-----------

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	"Arrastar" o cascalho localizado em locais de difícil acesso (em que o garimpeiro não pode alcançar com as mãos).
DISPONIBILIDADE	O Seu Vadinho comprava na feira ou nas "vendas" da localidade.
DESCRIÇÃO	Farracho/ facão velho, ou seja, já desgastado pelo tempo de uso. Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p.20. F1-A1 48): "instrumento geralmente empregado para raspagem de piçarra, feito com arco de barril ou com aproveitamento de um facão velho".
QUEM PROVÊ	Em geral esta ferramenta era adquirida pelo próprio garimpeiro. Caso este não a possuísse também ocorria do "patrão" fornecê-la
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Normalmente utilizado na limpeza do local onde será realizada a garimpagem. O ato de fazer a limpeza com o "farracho" é chamado de "farrachiar"
DISPONIBILIDADE	O Seu Vadinho comprava na feira ou nas "vendas" da localidade.
DESCRIÇÃO	Ralo/ instrumento retangular feito de madeira e lata de querosene. Modo de fazer: com uma régua a lata é "riscada" (marcada) e em seguida perfurada com o auxílio de um prego. O material perfurado é fixado no fundo de uma caixa feita de madeira (também chamada de "caixão"). O comprimento do "ralo" é de aproximadamente 0,80m por 0,40m de largura e a altura é de aproximadamente 0,18m. Dois aros de ferro são fixados nas laterais da caixa. A parte superior do "caixão" fica aberta, ou seja, sem cobertura. Descrição de Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p.21. F1-A1 20): Pequeno e grande. De forma retangular, tendo rebordos de madeira aparelhada, com aproximadamente 15centímetros de largura. Em outras regiões do Brasil, os garimpeiros usam peneiras em vez de ralos. Os orifícios variam de tamanho, de acordo com as exigências das diversas fases do serviço".
QUEM PROVÊ	Normalmente confeccionado pelo próprio garimpeiro
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Instrumento utilizado para "tirar areia" do cascalho (o mesmo que "diminuir o cascalho"). Ele também serve para triturar, diminuir as pedras de maiores dimensões
DISPONIBILIDADE	Material adquirido na localidade.
DESCRIÇÃO	Ralão-fino. Instrumento que não foi citado pelo informante, mas citado por Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p.21. F1-A1 48): "Ralo grande, de crivo fino, fito com lâmina de fôlha-de-flandres".
QUEM PROVÊ	--
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	--
DISPONIBILIDADE	--
DESCRIÇÃO	Tripé ou granjeira/ Instrumento com formato triangular feito com varas. As varas são ramos retirados das plantas encontradas, em geral, nos locais de garimpo. Modo de fazer: em uma das extremidades das varas são talhadas "forquilha". Em seguida as forquilha são presas umas às outras e a extremidade oposta das varas é fixada ao chão. Utiliza-se, também, uma corda que serve para prender o "ralo" ao "tripé" (a corda fica presa em aros de ferro que se encontram fixados no "ralo"). Atado às forquilha o "ralo" se mantém suspenso entre as varas.
QUEM PROVÊ	Produzido pelo próprio garimpeiro
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Sustentar o "ralo". Como dito acima, o "ralo" é utilizado para "ralar" o cascalho.
DISPONIBILIDADE	As varas eram normalmente retiradas dos locais de garimpo. É encontrado com abundância.
DESCRIÇÃO	Pequenito ou desbrutador. Instrumento que não foi citado pelo informante, mas citado por Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p.21. F1-A1 48): "Ralo grosso, feito com lâmina mais resistente, usualmente fôlha de zinco. Tem aproximadamente dois palmos quadrados".
QUEM PROVÊ	--
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	--
DISPONIBILIDADE	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	BA	1	01	09	F60	01
---	-----------	----------	-----------	-----------	------------	-----------

DESCRIÇÃO	Ralo-de-apuração. Instrumento que não foi citado pelo informante, mas citado por Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p.21. F1-A1 48): "Fino e grosso. Empregado na fase final da lavagem do cascalho. Em geral são feitos com bacias de flandre, perfuradas no fundo".
QUEM PROVÊ	--
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	--
DISPONIBILIDADE	--
DESCRIÇÃO	Barril. Instrumento que não foi citado pelo informante, mas citado por Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p.21. F1-A1 48): "Para secagem de água nos cateamentos".
QUEM PROVÊ	--
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Ver descrição.
DISPONIBILIDADE	--
DESCRIÇÃO	Candeia ou Candeia de Gruna/ instrumento de iluminação feito de ferro. Com forma cilíndrica, a candeia é constituída basicamente por uma alça, um orifício proeminente denominado de "bico" e um "paviu grosso" de algodão. O "azeite" era o combustível normalmente utilizado nas "candeias". Descrição de Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p.21. F1-A1 48): "Candeia. Empregado para iluminar o campo de trabalho nos serviços de gruna. Diz-se mesmo <i>candeia-de-gruna</i> . Ordinariamente é feita de latas de manteiga de uma libra (500 gramas), à qual se soldam o bico e o bocal. O paviu é grosso, de algodão bruto. Combustível empregado: azeite de mamona".
QUEM PROVÊ	Normalmente o garimpeiro encomendava a "candeia" a um "ferreiro" local.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Instrumento utilizado na iluminação, em especial do interior das "grunas".
DISPONIBILIDADE	O Seu Vadinho diz que atualmente utiliza-se como combustível da "candeia" o "óleo comustível" (que não é o mesmo que óleo combustível), pois, segundo ele, já não se "fabrica" o azeite.
DESCRIÇÃO	Saquinho/ pequenos sacos confeccionados com tecido. Descrição de Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p. 21 F1-A1 48): "Saco-de-gruna. Confeccionado com algodãozinho, com meio metro de comprimento (aproximadamente) e 25 centímetros de boca, mais ou menos. Utilizado para transportar cascalho nos serviços de gruna. A quantidade deles varia de acordo com as necessidades da garimpagem".
QUEM PROVÊ	Em geral esta ferramenta era adquirida pelo próprio garimpeiro. Caso este não a possuísse também ocorria do "patrão" fornecê-la
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Fazer o transporte do cascalho. Bastante utilizados no transporte do cascalho do interior para fora das "grunas"
DISPONIBILIDADE	O Seu Vadinho comprava na feira ou nas "vendas" da localidade.
DESCRIÇÃO	Picuá. Instrumento citado, mas não descrito pelo informante. Descrição de Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p. 24. F1-A1 48): "pequena peça cilíndrica, ôca, feita geralmente de imbé (14), onde guardarão os diamantes que vierem a encontrar".
QUEM PROVÊ	--
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Armazenar o diamante.
DISPONIBILIDADE	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	BA	1	01	09	F60	01
---	-----------	----------	-----------	-----------	------------	-----------

10.6. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	Churrasco, também chamado de torresmo, e café/ O “churrasco” ou “torresmo” são pequenos pedaços de carne que são levados ao fogo para serem assados. De acordo com o informante o café consumido era o “café preto”, ou seja, sem leite. O café era comprado em caroço para ser torrado em casa.
QUEM PROVÊ	Alimento normalmente preparado pelo próprio garimpeiro ou por sua esposa no garimpo. Em geral os ingredientes utilizados na preparação destes alimentos eram aqueles oriundos da “despesa”
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O Seu Vadinho diz que o garimpeiro não tinha horário de trabalho definido, pois era a disponibilidade de água no garimpo que ditava o ritmo do trabalho. Para aproveitar ao máximo a água da chuva ele diz que podia acontecer do garimpeiro iniciar o trabalho bem cedo, por volta das 05h00min, e só retornava para o almoço por volta das 14h00min. O “churrasco” e o café foram descritos aqui em conjunto, pois, de acordo com o informante, estes eram os alimentos normalmente consumidos no café da manhã.
DESCRIÇÃO	Feijão (também conhecido na localidade como Feijão de Garimpeiro) / feijão cozido com carne.
QUEM PROVÊ	Alimento normalmente preparado pelo próprio garimpeiro ou por sua esposa no garimpo. Em geral os ingredientes utilizados na preparação destes alimentos eram aqueles oriundos da “despesa”
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Alimento normalmente servido no almoço. Devido à demora no cozimento Seu Vadinho diz que o feijão era normalmente preparado à noite, pois ao longo do dia o garimpeiro encontrava-se ocupado com a garimpagem. Como dito, normalmente o feijão era servido no “carumbé”. Neste colocava-se primeiramente o feijão sem a carne. Era só depois do feijão amassado que os demais alimentos eram acrescentados (alguns dos alimentos consumidos com o feijão era arroz, verduras, farinha etc.). Seu Vadinho se lembra que havia dias em que o feijão era o único alimento servido no almoço. Ele diz também que na hora das refeições todos se reuniam para assim alimentarem-se juntos. Por serem de rápido preparo os demais alimentos consumidos no almoço eram normalmente preparados horas antes da refeição.
DESCRIÇÃO	Arroz de Poço ou simplesmente arroz (também conhecido na localidade como Arroz de Garimpeiro) / A preparação consiste, basicamente, no cozimento do arroz vermelho. O Seu Vadinho diz que o nome Arroz de Poço decorre do fato deste alimento ser excessivamente gorduroso. De tão gorduroso, continua o informante, a gordura ficava acumulada no fundo do “carumbé”. Para o preparo deste alimento utilizava-se gordura oriunda da carne de porco ou da carne de gado. O informante também cita o tocinho como um dos ingredientes utilizados. Ele lembra que muitas pessoas “sofriam de incongestão” em decorrência do excesso de gordura contida no arroz. Ele diz também que, ao contrário do que ocorre atualmente, a “carne gorda” era mais apreciada do que a “carne magra”.
QUEM PROVÊ	Alimento normalmente preparado pelo próprio garimpeiro ou por sua esposa no garimpo. Em geral os ingredientes utilizados na preparação destes alimentos eram aqueles oriundos da “despesa”. O arroz vermelho era bastante cultivado e consumido no sítio, mas ao longo dos anos foi sendo substituído pelo arroz branco (produto industrializado e geralmente comprados nas casas comerciais da cidade). Atualmente são poucas as pessoas que plantam e consomem o arroz vermelho em Mucugê. Ainda é possível encontrar o arroz vermelho sendo comercializado em alguns estabelecimentos comerciais e na feira local.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Segundo o informante, o arroz era a base do alimento consumido no jantar. Ele lembra que no trabalho em “parceria” era comum um dos “sócios” deixar o serviço por volta das 16h00min para então seguir para o abrigo na incumbência de preparar a refeição da noite. Em geral, essa função era alternada entre os “sócios” ao longo dos dias de trabalho. O arroz era normalmente consumido com farinha e, como no almoço, o jantar era servido no “carumbé”. Seu Vadinho diz que no “carumbé” colocava-se uma quantidade de comida suficiente para alimentar quatro pessoas.
DESCRIÇÃO	Caça e pesca / O “mocó” (roedor bastante comum na serra que circunda a localidade) era a principal caça dos garimpeiros. Além do “mocó” também ocorria do garimpeiro pescar e caçar tatu.
QUEM PROVÊ	O próprio garimpeiro dedicava-se a caça e/ou pesca. Estas atividades eram realizadas nos locais de garimpo ou no seu entorno.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Complementar ou reforçar as refeições. Seu Vadinho diz que na falta da carne (referindo-se àquela comprada na feira ou nas “vendas”) esta era substituída pela caça. A prática da caça se constituía, também, como forma de “divertimento” do garimpeiro no garimpo.

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS

DESCRIÇÃO	Não há.
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	BA	1	01	09	F60	01
---	-----------	----------	-----------	-----------	------------	-----------

10.8. TRAJES E ADEREÇOS

Apesar da descrição abaixo, Seu Vadinho conclui dizendo que o garimpeiro não tinha um traje específico para o ofício e que a roupa utilizada era aquela que estivesse à disposição. Já na década de 1950, Herberto Sales deixou registrado no seu livro *Garimpos da Bahia* (p. 23. F1-A1 48) que a indumentária ortodoxa (descrita abaixo) encontrava-se em processo de desuso. Ele diz que os garimpeiros, na sua grande maioria, já vinham trabalhando “sempre nu da cintura para cima, vestido apenas com calça velha, em alguns casos cortada na altura das coxas, mas com mais frequência arregaçada até acima dos joelhos. Em muitas ocasiões o garimpeiro também usa uma simples tanga”.

DESCRIÇÃO	Calção/ confeccionado com tecido denominado localmente de “valência” (tecido à base de algodão). Um cordão era utilizado para fixar o “calção” à cintura. Descrição de Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p. 23. F1-A1 48): “Calção ou ceroula. De corte simples, quase ligado ao corpo, e descendo até dez ou doze centímetros, aproximadamente, abaixo dos joelhos, que assim ficam protegidos do atrito da areia ou das pedras, quando o garimpeiro tem que trabalhar abaixo ou mesmo deitado, como acontece nos serviços de <i>gruna</i> ”.
QUEM PROVÊ	Comprado no comércio local pelo garimpeiro. Também podia ocorrer do “patrão” fornecer.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Ver descrição.
DESCRIÇÃO	Camisa de garimpeiro, também chamada simplesmente de camisa/ assim como os calções, as camisas eram confeccionadas com “valência”. Estas eram folgadas nas laterais e tinham as “mangas” compridas. Descrição de Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p. 23. F1-A1 48): “Camisa. De corte reto, gola simples e abotoada no ombro com marcas (botões de osso). Vesti-se por cima da cabeça. O comprimento vai um pouco além da cintura, o que torna o seu talhe semelhante ao de um blusa. Maias-mangas justas, cobrindo os cotovelos, como as pernas do calção ou ceroula, os holehos. Para protegê-los igualmente do atrito da areia ou das pedras. Não tem bolsos”.
QUEM PROVÊ	Comprada no comércio local. Também podia ocorrer do “patrão” fornecer.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As camisas folgadas facilitavam a execução de movimentos ao longo da garimpagem. O Seu Vadinho diz que no garimpo ocorria do garimpeiro passar por locais estreitos e de difícil acesso. Em alguns casos as passagens eram tão apertadas que para percorrê-las era necessário deitar-se ao chão. As “mangas” compridas das camisas contribuíam para proteger os braços dos garimpeiros na travessia destas passagens (Ver descrição).
DESCRIÇÃO	Carapuça e chapéu/ A “carapuça” é o tecido atado à cabeça. Além da “carapuça” o garimpeiro também costumava utilizar chapéu de couro. Descrição de Herberto Sales em <i>Garimpos da Bahia</i> (p. 23. F1-A1 48): “Carapuça. Corro com um pequeno bolso para guardar a caixa de fósforos destinadas a acender a candeia, pelo motivo de ser a referida carapuça a única pela da <i>vestimenta</i> que está menos exposta ao contato da água”. Um pouco adiante o autor diz: “O uso de chapéu de palha de ouricuri é muito comum, mas em geral o garimpeiro aproveita, hoje, simplesmente um chapéu velho de feltro – ou de <i>massa</i> , como se diz na região – e ao qual, às vezes, corta as abas acabanadas em excesso por falta de carneira, transformando-o numa espécie de gorro. Em outros casos, o garimpeiro dobra simplesmente as abas para dentro do próprio chapéu” (p. 23. F1-A1 48).
QUEM PROVÊ	Amarração da carapuça era feita pelo próprio garimpeiro. Em geral o chapéu era comprado no comércio local.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A “carapuça” era utilizada como forma de proteger a cabeça do garimpeiro na sua passagem por locais apertados e de difícil acesso. A “carapuça” era normalmente utilizada no garimpo de “gruna”. Segundo Seu Vadinho, o chapéu não era apropriado para estes locais de trabalho, pois a aba acabava por entrar em atrito com as paredes das estreitas passagens, o que não ocorria com a “carapuça” já que esta ficava justa à cabeça. O Seu Vadinho também se recorda de garimpeiros que levavam cigarros e fósforos presos às “carapuças” para assim poderem fumar no interior das “grunas” (Ver descrição).
DESCRIÇÃO	Os garimpeiros trabalhavam descalços.
QUEM PROVÊ	--
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	--

10.9. DANÇAS

DESCRIÇÃO	Não há.
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**BA 1 01 09 F60 01****10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES**

DESCRIÇÃO	Não há. No t
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	Não há. Como indicado por Carlos de Almeida Toledo na página 22 da tese intitulada <i>A mobilização do trabalho nas Lavras Baianas</i> (F1-A1 57), em <i>O negro e o garimpo em Minas Gerais</i> (1985) Aires da Mata Macho Filho entrevistou garimpeiros em Lençóis/BA com o intuito de identificar a ocorrência de cantos de trabalho específicos da garimpagem, como foi verificado nos garimpos em Minas Gerais, mas não obteve êxito. De acordo com Aires os cantos de trabalho em Minas eram denominados de <i>visungos</i> . Através de entrevistas e conversas informais com garimpeiros e ex-garimpeiros em Mucugê constatamos a inexistência de cantos de trabalho e todos desconhecem a palavra <i>visungos</i> .
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE
O garimpeiro.	Guardar e “esconder” as ferramentas de trabalho. Era normalmente nos dias de sextas-feiras ou nos sábados que Seu Vadinho deixava o garimpo e se dirigia para a cidade. Antes de partir, porém, era preciso recolher e “esconder” as ferramentas de trabalho, pois, segundo ele, havia pessoas que aproveitavam a ausência do garimpeiro no garimpo para roubá-los. Além das ferramentas Seu Vadinho também escondia os víveres.
O garimpeiro.	Coletar e armazenar lenha. Seu Vadinho diz que ele normalmente seguia para o garimpo em companhia de outros companheiros (procedimento comum entre os garimpeiros). Também era comum todos retornarem juntos para a cidade. Antes de deixar o garimpo, porém, era preciso fazer a coleta e o armazenamento da lenha. Seu Vadinho diz que ele tinha essa preocupação, pois, ao retornar para o garimpo ele e os companheiros não precisariam de imediato saírem em busca de lenha para o fogo. Como “frente”, ele diz que só liberava os “parceiros” do garimpo depois da coleta e armazenamento da lenha.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**BA****1****01****09****F60****01****11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO**

PARA USO PRÓPRIO ☐ VENDE ☒ TROCA ☐ OUTRO ☐		ESPECIFICAR O diamante garimpado era vendido, em geral, no comércio local para o “pedrista” ou “capangueiro”. O valor obtido com a venda da “pedra” era normalmente dividido com o “parceiro” (ou com o grupo) e com o “patrão”. Seu Vadinho diz que o “parceiro” que não “dividia o diamante” era chamado de “ladrão”, mas que, apesar de alguns casos de “trapaça”, os garimpeiros se constituíam como uma “classe muito bem unida”. Como o “patrão” era a pessoa que normalmente fazia o “fornecimento” então este tinha o direito sobre metade do valor adquirido com a “pedra”. Também havia o “proprietário” do terreno explorado que ficava com 1/5 do valor da pedra. A “taxa” paga ao “proprietário” do terreno era chamada de “o quinto” (este nome decorre do fato de o valor pago corresponder a 20%, ou seja, 1/5 do valor do diamante). Seu Vadinho diz que os garimpeiros não concordavam com o pagamento deste “imposto” já que, segundo ele, os “proprietários” em nada contribuíam para o serviço do garimpeiro (ao contrário do “patrão” que fazia o investimento do “fornecimento”). O informante diz também que os “proprietários” dos terrenos não forneciam recibos como forma de comprovar o pagamento do “o quinto” e assim o garimpeiro ficava sem nenhum comprovante de quitação. Caso o garimpeiro não pagasse “o quinto”, continua Seu Vadinho, este sofria uma série de punições, como, por exemplo, a prisão ou à expulsão das terras. Entre os garimpeiros, conclui o informante, “o quinto” era considerado uma injustiça. Como forma de controlar a extração de diamantes o Seu Vadinho diz que era comum a presença de “fiscais” na serra. Os “fiscais” tinham a função de acompanhar o trabalho do garimpeiro com o objetivo não só de inibir os roubos de diamantes (havia casos em que os garimpeiros escondiam a pedra garimpada para não dividi-la), mas também como forma de controlar o rendimento do garimpeiro no serviço.	
		PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR SIM ☐ NÃO ☐ PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☒ COMPLEMENTO ☐	
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO DIRETO ☒ INTERMEDIÁRIO ☐ COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐			

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

O Sr. Euvaldo, filho do Seu Vadinho, ocupava até recentemente a coordenação do Projeto Sempre Viva (projeto municipal). O Seu Vadinho tem conhecimento da existência da ACVM - Associação dos Condutores de Visitantes de Mucugê. A sede desta associação ficava até o ano de 2008 próxima a sua residência. Em Mucugê também há uma associação comunitária. O Seu Vadinho tem uma “carteirinha” de garimpeiro e neste registro ele é definido como “catador”. A sede desta sociedade ficava em Lençóis e Seu Vadinho diz que há anos ele deixou de fazer o pagamento da taxa exigida. Em Garimpos da Bahia na p. 17 Herberto Sales faz o registro de uma sociedade beneficente em Lençóis. Ele diz: “Em Lençóis, entretanto, há uma velha sociedade beneficente da classe, que ainda mantém o mesmo nome do sabor tão tradicionalista: União dos Mineiros”. É provável que se trate da sociedade citada pelo informante, porém não foi possível checar esta informação, pois, em decorrência de problemas de saúde em família o Seu Vadinho não vem apresentando condições emocionais de fornecer novos depoimentos.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**BA****1****01****09****F60****01****13. BENS ASSOCIADOS**

DENOMINAÇÃO.	CÓDIGO
Rancho	Localidade 1 F30-8. Bem identificado.
Cortadinho de Mamão Verde.	Levantamento preliminar anexo F11-3 A3 40.
Cortadinho de Palma.	Levantamento preliminar anexo F11-3 A3 41.
Feijão de Garimpeiro.	Levantamento preliminar anexo F11-3 A3 42.

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Aguardando plantas a serem produzidas pelo arquiteto da equipe. Outros dados consultar Box 4.e Box 6.2.

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

Todas as referências levantadas no *anexo bibliografia* têm relação direta ou indireta com o garimpo e o ofício de garimpeiro. Assim, para efeito de pesquisa recomendamos a verificação de todas as referências ali indicadas (F1-A1 1 – F1-A1 240).

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Entrevista.

Arquivo: VadinhoVerciNídia_Garimpo&outros_13jun2008 (Cd com as gravações anexadas ao relatório final. Registro sem código de audiovisual).

Arquivo: Vadinho_Ofício de Garimpeiro_27mar2009 (Cd com as gravações anexadas ao relatório final. Registro sem código de audiovisual).

Arquivo: Arquivo: Vadinho_ferramentas garimpo_28mar2009 (Cd com as gravações anexadas ao relatório final. Registro sem código de audiovisual).

Vídeos:

Arquivo: (F1-A2 1889).

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

F1-A2 252; F1-A2 253; F1-A2 254; F1-A2 1974; F1-A2 2003; F1-A2 2004; F1-A2 2005; F1-A2 2006; F1-A2 2007; F1-A2 2008; F1-A2 2009; F1-A2 2010; F1-A2 2011; F1-A2 2012; F1-A2 2013; F1-A2 2014; F1-A2 2044; F1-A2 2144; F1-A2 2148; F1-A2 2217; F1-A2 2216.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**BA****1****01****09****F60****01****16. OBSERVAÇÕES****16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Dada à complexidade do ofício em questão julgamos necessário o aprofundamento de estudos para a complementação da identificação deste bem. Em *Garimpos da Bahia* (F1-A1 48), livro escrito por Herberto Sales na década de 1950 e principal referência sobre a atividade garimpeira nas lavras diamantinas, há uma relação de “serviços” e modos de garimpagem. No levantamento realizado em Mucugê entre os garimpeiros e ex-garimpeiros constatamos que em geral utiliza-se a “serra” como lugares de garimpagem. Por conta dito a pesquisa centrou-se na garimpagem realizada na “serra”. De acordo com a descrição de Herberto Sales a garimpagem realizada na “serra” seria o “serviço” de “cascalhão”, também chamado de “cata-de-cascalhão” (descrição de Herberto Sales das diferentes modalidades de serviços ver Box. 16.3).

Através do andamento da pesquisa constatamos que o ofício de garimpeiro mantém uma estreita relação com grande parte dos bens inventariados, além de estar intimamente associado à formação e desenvolvimento da localidade. Recomendamos a realização, em outras oportunidades, de novas entrevistas com este informante no sentido de aprofundar a pesquisa sobre o ofício de garimpeiro e a relação deste com outros bens culturais e demais aspectos da vida local. Sugerimos, também, a realização de entrevistas com outros garimpeiros (as) e ex-garimpeiros (as) da localidade, tarefa que não foi possível neste momento da pesquisa dado o grande número de bens culturais em estudo.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Sugerimos a identificação do garimpo enquanto lugar e todo o conjunto arquitetônico relacionado à atividade garimpeira. Nesta etapa da pesquisa foi feita a *identificação* do rancho (localidade 1 F30-8), porém sugerimos o estudo mais aprofundando e articulado do conjunto das edificações relacionadas ao garimpo, pois acreditamos que só assim será possível a formação de uma razoável compreensão do ofício aqui contemplado. As atividades de campangueiro, pedrista e lapidador também estão relacionadas ao ofício de garimpeiro e, ano nosso ver, devem ser identificados.

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**BA****1****01****09****F60****01**

Na literatura e nos trabalhos científicos constatamos que a atividade garimpeira é um ofício atribuído aos homens, no entanto, verificamos através do levantamento realizado em campo que as mulheres também assumiram um importante papel no garimpo. Além de desempenharem atividades domésticas nos abrigos, elas não só auxiliavam os maridos na execução da atividade como muitas desempenharam as mesmas funções destes. É interessante notar que muitas mulheres perderam seus pais ou companheiros na atividade e estas acabaram por assumir definitivamente a atividade. Pela restrição do tempo da pesquisa e da grande quantidade de bens identificados nesta etapa do trabalho não foi possível realizar novas entrevistas. No entanto, fica aqui o registro de algumas ex-garimpeiras identificadas pela equipe nesta etapa da pesquisa: Dona Alice, Dona Anália e Dona Nenir.

Em *Garimpos da Bahia* (páginas 18 – 20. ficha F1-A1 48) Herberto Sales apresenta as seguintes modalidades de serviço:

“Grupiara. Serviço realizado nas proximidades dos rios ou dos córregos, nos seus barrancos, ou nos brejos, e freqüentemente sujeito à invasão das águas, o que torna, em tal emergência, impraticável a garimpagem. De modo geral, chama-se *grupiara* todo e qualquer serviço em que o cascalho se encontre em nível baixo. Entre os principais “serviços” ele destaca: *grupiara, monchão, montoeira, restinga, talhado, canalão, faisqueira, cata, cata-de-barranco, cascalhão, cateação-de-rebaixo, gruna, mergulho e lanceio.*

Monchão. Denominação comumente dada aos serviços em terreno firme, afastado dos rios ou dos córregos, de cascalho aluvionar, onde o diamante é encontrado de mistura com seixos rolados.

Montoeira. Exploração do diamante em amontoados de cascalho com seixos rolados, ocasionados muitas vezes pelas enchentes e oriundos dos serviços “dos antigos”. Esta expressão se refere aos primeiros exploradores, os quais, utilizando processos ainda não aperfeiçoados de mineração, deixavam escapar boa parte dos diamantes contidos no cascalho que não ralavam devidamente. Nas *montoeiras* são encontrados sobretudo carbonados, pois os “antigos”, não tendo deles ainda conhecimento, atiravam-se fora como pedras imprestáveis.

Restinga. Exploração, ainda, de cascalho extraído e anteriormente trabalhado por outros garimpeiros, ou, em termos mais próprios, exploração de lavagem, isto é, de cascalho já lavado. De *restinga*, formou-se o verbo *restingar*, que significa trabalhar em restinga, ou seja, em terreno lavrado, especialmente as depressões dos córregos. Em geral, este serviço é feito por um só garimpeiro, dada a facilidade do trabalho. Os diamantes encontrados nesse tipo de garimpagem são sempre de pequeno valor.

Talhado. Diz-se, em geral, dos serviços realizados em canais, de menor ou maior profundidade.

Canalão. V. *talhado*. Refere-se especificamente à garimpagem em canal tão grande em extensão quanto em profundidade. Para descer ao fundo do canal, de onde retirará o cascalho, o garimpeiro utiliza pequenas traves comumente feitas de gameleira e dispostas à guisa de degraus, chamados *pontaletes*. Em casos excepcionais, usam-se escalas de arame com degraus daquela mesma madeira.

Faisqueira. Serviço de uma ou duas pessoas, no máximo, em muitos casos realizados separadamente no curso de uma garimpagem de grandes proporções, por concessão do dono geral do serviço. Ordinariamente, na exploração de garimpos ricos, *faisqueiras* são solicitadas por amigos do dono do serviço, a quem se dá a preferência da compra do diamante extraído.

Cata. O garimpeiro comumente chama *catra*. Diz-se, em geral, dose serviços maiores, de quatro pessoas para cima, podendo ir até dez ou mais. *Cata* é uma escavação mais ou menos profunda, e esquadrejada, de acordo com a natureza do terreno. De *cata* originou-se o verbo *catear* e formou-se o substantivo *cateamento* ou *cateação*.

Cata-de-barranco. Refere-se geralmente aos cateamentos a sêco.

Cateação-de-rebaixo. Serviço de *cata* em leito de rio, com escoamento das águas depois de dado o rebaixo.

Cascalhão. O mesmo que *cata-de-cascalhão*. Serviço de grandes massas de cascalho, trabalhados com o auxílio das águas trazidas pelas chuvas, e que são represadas em tanques e canalizados com o fim de desagregar aquelas mesmas massas. As expressões “quebrar *cata*” e “quebrar *cascalhão*” correspondem a essa operação.

Barranco. V. *cata-de*. Serviço de barranco de rio.

Gruna. Todo e qualquer serviço subterrâneo. A extensão das grunas é medida por *estados*, que correspondem unitariamente a dez palmos, e pode variar de três a dez dos referidos *estados*, nos casos mais comuns, mas não tem limites (12). A mesma medida é usada para designar a profundidade dos canais.

Mergulho. Serviço em que o cascalho é ordinariamente e retirado de *caldeirões* (depressões acentuadamente côncavas) submersos, por meio de sacos enchidos pelo garimpeiro mergulhador.

Lancheio. V. *mergulho*. Detalhe: exploração de lapas ou grunas rasas submersas. O garimpeiro mergulha em direção a elas, o que obriga a *lancheio*, isto é, esguiar-se para um lado, em posição horizontal”.

Ao citar as ferramentas de trabalho no seu livro Herberto Sales chama a atenção que o uso dos instrumentos é condicionado à necessidade do serviço, ou seja, não significa que todos os instrumentos de trabalhos são necessariamente utilizados. Sobre a disponibilidade e a forma de provimento das ferramentas de trabalho ele diz que muitos dos instrumentos eventualmente utilizados pelos garimpeiros eram de propriedade do patrão ou do dono do serviço. Este fornecimento, segundo ele, é feito com a finalidade estrita de prover os garimpeiros na execução das tarefas. Ele também diz que:

“Em fases difíceis da vida, o garimpeiro, encontrando-se sem trabalho, lança mão de peças de sua *ferramenta*, vendendo-as para matar a fome. De outras vezes a empenha a um negociante de gêneros, para o mesmo fim, e nem sempre consegue retirá-las do penhor, o que equivale a se privar delas como das que porventura tenha vendido. De modo geral, porém, todo garimpeiro possui, pelo menos, a *bateia*, o *carumbé*, os ralos e a *enxada* – o mínimo indispensável para o exercício de sua profissão. Embora possa recorrer a providenciais empréstimos, apelando para os conhecidos que estejam trabalhando em algum serviço próximo, o garimpeiro, não dispondo daquele mínimo indispensável de *ferramenta*, dificilmente encontrará patrão que o financie. Deve-se frisar, todavia, que a própria garimpagem, reunindo comumente um mínimo de duas pessoas, facilita entre os garimpeiros e complementação da *ferramenta* por meio da utilização conjunta dos instrumentos de trabalho que individualmente possuem.

As peças de madeira integrantes da ferramenta do garimpeiro – *carumbé* e *bateias* – são encontrados em armazéns ou *vendas*, e até mesmo em certas quitandas, ou nas feiras. As de ferro e as de aço – *marrões, alavancas, enxadas*, etc. – são encontradas em geral nas lojas, cujos estoques, comumente ecléticos, vão das perfumarias às louças, e dos tecidos às ferragens. Os demais instrumentos de trabalho são feitos pelos próprios garimpeiros ou eventualmente encomendados a profissionais das respectivas especialidades – ferreiros, funileiros e carpinteiros ou marceneiros.” (p. 21. ficha F1-A1 48). Dona Alice, ex-garimpeira de Mucugê, também era funileira.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	BA	1	01	09	F60	01
---	-----------	----------	-----------	-----------	------------	-----------

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Entrevista com Seu Vadinho (localidade 1 Q60 01).		
PESQUISADOR(ES)	Fábio Bandeira; Leandro Max; Lilâne Rêgo; Iêda Marques.		
SUPERVISOR	Ivanirce Wolf e Nalva Santos		
REDATOR	Leandro Max		DATA 20 de julho de 2009.
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Fábio Pedro Bandeira		